

PROJETO LÍNGUAS AMAZÔNICAS

MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI
Belém, Brasil

RESUMO DO PROJETO

A maior parte dos povos indígenas da Amazônia estão em perigo de perderem seu modo de vida, suas culturas tradicionais e suas línguas maternas; conseqüentemente, muito do seu conhecimento, baseado no trabalho de gerações, está também sendo perdido. A língua é o cerne da cultura, e as tentativas mais bem-sucedidas de preservação de culturas começam com a preservação da língua através de alfabetização e educação bilíngüe. A descrição lingüística básica (fonologia, gramática) é um pré-requisito necessário para a criação de materiais de alfabetização, mas a comunidade lingüística brasileira não tem no momento a capacidade de atender a essas grandes necessidades das comunidades indígenas. Propõe-se aqui um projeto de cinco anos para o estabelecimento permanente de um Projeto Línguas Amazônicas no Museu Paraense Emílio Goeldi, em Belém, no Brasil. O Projeto Línguas Amazônicas dirigirá pesquisas sobre línguas amazônicas, oferecerá apoio a lingüistas brasileiros de outras instituições para a realização de pesquisas sob os auspícios do Projeto, financiará e participará de eventos científicos, treinará mais lingüistas brasileiros, servirá como ligação entre comunidades indígenas à procura de lingüistas e lingüistas à procura de línguas para estudarem, gravará documentação de áudio-vídeo sobre cada língua indígena no Brasil, encorajará e apoiará financeiramente aplicações práticas da pesquisa lingüística em comunidades indígenas, e oferecerá treinamento a membros de comunidades indígenas em lingüística, documentação de áudio-vídeo e educação bilíngüe.

SUMÁRIO

PARTE I: A NECESSIDADE DE UM PROJETO LÍNGUAS AMAZÔNICAS

1. O PROBLEMA DAS LÍNGUAS E CULTURAS EM PERIGO NA AMAZÔNIA.....	1
2. A IMPORTÂNCIA DO TRABALHO LINGÜÍSTICO NA AMAZONIA.....	1
2.1. Importância Científica	2
2.2. Importância Cultural	2
3. UMA ESTRATÉGIA PARA DESENVOLVER O ESTUDO DE LÍNGUAS AMAZÔNICAS3	
3.1. Fatores que dificultam a pesquisa sobre línguas indígenas brasileiras	3
3.2. O Projeto Línguas Amazônicas como instrumento de desenvolvimento	4
4. METAS DO PROJETO LÍNGUAS AMAZÔNICAS.....	6
4.1. Metas gerais	6
4.2. Estratégia global.....	6
4.3. Metas específicas	6

PARTE II: ATIVIDADES DO PROJETO PROPOSTO

5. PESQUISA	7
5.1. Tipos de pesquisa.....	7
5.2. Apoio a pesquisadores	7
6. DOCUMENTAÇÃO	8
6.1. Fitas padronizadas de documentação	9
6.2. Gravações não-padronizadas no campo	10
6.3. Arquivo de documentação	10
7. ASSISTÊNCIA PRÁTICA A COMUNIDADES INDÍGENAS.....	10
7.1. Serviços mínimos.....	10
7.2. Potenciais projetos futuros a serem apoiados	10
7.3. Treinamento	11
8. TREINAMENTO DE LINGÜISTAS BRASILEIROS	12
8.1. Seleção dos estudantes e do corpo docente.....	12
8.2. Conteúdo e créditos.....	12
8.3. Treinamento adicional ao programa de mestrado	13
9. DIVULGAÇÃO DA PESQUISA E DA DOCUMENTAÇÃO	13
10. RECURSOS FÍSICOS: EQUIPAMENTO CIENTÍFICO E BIBLIOTECA.....	14
10.1. Microcomputadores e equipamento de gravação de áudio-vídeo	14
10.2. Equipamento de campo	15
10.3. Acervo da biblioteca	15

PARTE III: ADMINISTRAÇÃO DO PROJETO

11. PESSOAL CIENTÍFICO, TÉCNICO E ADMINISTRATIVO.....	15
11.1. Pessoal científico, diretor do PLA	15
11.2. Pessoal técnico e administrativo	15
11.3. Relações com outras instituições	16
12. CRONOGRAMA.....	16
13. ORÇAMENTO	17
REFERÊNCIAS.....	20

PARTE I: A NECESSIDADE DE UM PROJETO LÍNGUAS AMAZÔNICAS

"(...)à taxa em que a situação vem evoluindo, o próximo século verá a morte ou a condenação de 90% das línguas da humanidade(...) Comparemos a situação lingüística com a biológica(...) A percentagem total de mamíferos em perigo de extinção é cerca de 10%; a de aves, 5%."

— Professor Michael Krause, *Language*, março de 1992 —

"A humanidade está em perigo de perder seu passado e comprometer seu futuro. Não há como os cientistas possam agir depressa o bastante para preservar o conhecimento tradicional do mundo."

— Linden Eugene, Science Editor, *Time Magazine*, 23 de setembro de 1991 —

As citações acima cristalizam a motivação do nosso trabalho: os povos indígenas de todo o mundo estão abandonando suas línguas e culturas. Igualmente, muito da sabedoria dessas culturas está sendo perdido. Com o crescente desenvolvimento econômico da Amazônia brasileira, tem havido uma maior conscientização mundial sobre o grave estado de perigo ecológico em que se encontra a floresta tropical. Muito tem sido dito sobre a diversidade biológica que se está perdendo à medida que as espécies animais vão sendo ameaçadas de extinção devido à perda do *habitat*. Menos foi dito sobre o perigo igualmente sério para os povos que habitam a floresta tropical amazônica. Seus conhecimentos, bem como as línguas que os refletem e expressam, podem desaparecer junto com seus sistemas sociais e seus meios de subsistência à medida que a fronteira avança inexoravelmente. Esse perigo resultou em uma crescente demanda por documentação lingüística e assistência prática, a *raison d'être* do Projeto Línguas Amazônicas proposto (PLA) no Museu Paraense Emílio Goeldi. Na presente proposta será examinada a situação dos povos indígenas amazônicos e suas línguas, a necessidade de trabalho lingüístico na região, alguns dos fatores que têm dificultado o atendimento dessa necessidade e como o PLA trataria as dificuldades e os problemas.

1. O PROBLEMA DAS LÍNGUAS E CULTURAS EM PERIGO NA AMAZÔNIA

Das 170 línguas indígenas conhecidas no Brasil, cerca de 130 são faladas na região amazônica (mais do que todas as línguas faladas na Europa). Essas 170 línguas são faladas por um total de cerca de 150.000 falantes, tendo cada língua em média 900 falantes. Em 1984, 36 línguas tinham menos de 100 falantes, e 14 delas tinham menos de 50 (Rodrigues 1985). Várias línguas do Brasil são hoje faladas por alguns velhos sobreviventes (p.ex.: arikapu, com 4 falantes; xipaya, kujubim e puruborá, com 2 falantes cada; máku, com apenas 1 — Moore e Storto, no prelo); e ingarüine, kahuyana, pawiyana e xikuyana talvez ainda tenham falantes, mas é provável que já se tenham perdido (Migliazza 1985); botocudo continua ameaçada (Seki 1984). Muitas das línguas em maior perigo são virtualmente desconhecidas, como também o são as culturas com as quais estão interligadas.

Poder-se-ia perguntar por que a cultura e o conhecimento cultural são perdidos quando uma língua morre; afinal, se uma pessoa que possui conhecimentos culturais simplesmente pára de falar sua língua materna, os conhecimentos continuam com ela. Contudo, a perda de uma língua não é tanto um fato individual quanto um fenômeno entre gerações: à medida que a comunicação entre diferentes gerações se torna mais difícil, o conhecimento tradicional deixa de ser transmitido a gerações mais jovens (Dorian 1989, Cooper 1989, Fishman 1992). Pessoas mais velhas em comunidades indígenas geralmente adquiriram seu conhecimento cultural antes de haver contatos mais extensos com a sociedade brasileira. Com a construção relativamente recente de rodovias no interior da floresta, os povos indígenas foram levados a contatos mais intensos, usualmente com pessoas que têm em muito baixa conta o conhecimento, a cultura e a língua desses povos. Muitas crianças em comunidades indígenas cresceram (e estão crescendo) em ambientes culturalmente mistos; suas línguas maternas não são ensinadas nas escolas e sua herança indígena é menosprezada pelas comunidades não-indígenas circundantes. Se as crianças não aprendem suas línguas nativas, as pessoas mais velhas da comunidade não lhes podem mais transmitir sua rica herança cultural. Quando essas pessoas mais velhas morrem, suas línguas, bem como o conhecimento único que elas contêm, desaparecem. Entretanto, a pesquisa lingüística sobre línguas indígenas, seguida pela criação de sistemas de escrita (ortografias) e de material escrito têm o efeito contrário: aumentar o respeito e renovar o interesse por essas línguas.

2. A IMPORTÂNCIA DO TRABALHO LINGÜÍSTICO NA AMAZÔNIA

A necessidade de trabalho lingüístico na Amazônia continua urgente porque muito pouco foi feito: menos da metade (aproximadamente 80) das línguas do Brasil tiveram algum tipo de descrição publicada (em geral limitada a tratamentos preliminares da fonologia e da morfologia) e menos de 10% têm descrições de boa qualidade científica. Cerca de 95 estudos estão registrados presentemente como "em andamento", mas de fato o número de línguas que receberá

descrição científica é muito menor, visto que: (1) nem todos esses projetos são sobre línguas diferentes, (2) muitos projetos estão inativos e (3) muitos têm objetivos primordialmente religiosos. A falta de pesquisa tem conseqüências tanto para as comunidades indígenas quanto para a ciência lingüística. Será detalhada primeiramente a importância científica do trabalho lingüístico e, em seguida, a importância política para as próprias comunidades.

2.1. Importância Científica. A descrição lingüística básica é um pré-requisito para o trabalho mais avançado em qualquer ramo da lingüística, bem como para estudos interdisciplinares de vários tipos. Já que as línguas indígenas servem como repositório do conhecimento cultural, sem um trabalho lingüístico prévio é muito mais difícil o estudo do conhecimento indígena acerca de plantas medicinais e animais (p.ex., sistemas nativos de classificação etnobotânica, cf. Balée and Moore 1991, Berlin 1992, P. Grenand 1980, F. Grenand 1989, Berlin, Breedlove e Raven 1966, 1974) e o conhecimento indígena sobre o meio ambiente local (p.ex. conhecimento dos solos locais e do comportamento, crescimento, distribuição e reprodução de plantas e animais locais, cf. Balée no prelo). Do mesmo modo, antropólogos sem treinamento lingüístico enfrentam graves dificuldades no estudo de povos que falam línguas não descritas. Estudos de uso e contato de línguas (p.ex. Basso 1986, Emmerich 1984, Franchetto 1986, 1989, Graham 1986, 1990, Urban 1986a-b) dependem da análise lingüística das línguas em questão, sendo portanto muito raros na América do Sul.

A classificação lingüística também depende da descrição pormenorizada das línguas a serem classificadas. Como todas as línguas de uma família descendem de uma única proto-língua ancestral (p.ex. as línguas neolatinas descendem do latim), a lingüística histórica pode comparar todas as línguas de uma família, determinar as relações entre essas línguas (cf. a classificação de Rodrigues 1984/5 da família tupi-guarani) e, por meio de um processo conhecido como reconstrução histórica, estabelecer muitas das características da proto-língua, tais como o sistema de sons (Leite e Soares 1991), muito do vocabulário e algo da gramática. Comparando-se proto-línguas reconstruídas, os lingüistas podem esclarecer relações obscuras entre famílias lingüísticas modernas, o que permite a reconstrução de itens do vocabulário de línguas que eram faladas há até 5500 anos (p.ex. o dicionário do proto-indo-europeu, publicado em 1989). Todavia, como inexitem descrições básicas da maior parte das línguas indígenas do Brasil, a reconstrução histórica de suas proto-línguas ancestrais sequer pode ser tentada. Na ausência de uma reconstrução confiável, aqueles que tentam esboçar classificações mais extensas de línguas sul-americanas (p.ex. Greenberg 1960, 1987, Kaufman 1990, Key 1979, Loukotka 1968, McQuown 1955, Rodrigues 1985b, Tovar e Tovar 1984, Voegelin e Voegelin 1977, citando-se apenas as mais recentes) são freqüentemente forçados a especular sobre possíveis relações entre famílias já estabelecidas, o que leva a discordâncias que não se podem resolver devido à falta de dados. Da mesma forma, tentativas de reconstruir a pré-história da Amazônia correlacionando-se os dados lingüísticos incompletos com dados arqueológicos e antropológicos (p.ex. Meggars 1975, Migliazza 1982) são forçadas a permanecerem especulativas.

No âmbito da ciência lingüística, as teorias sobre as formas que uma língua humana pode ter foram concebidas sem virtualmente nenhuma contribuição de dados de línguas sul-americanas, o que implica que essas línguas têm um potencial de teste único para a verificação dessas teorias. Os relativamente poucos estudos provenientes da Amazônia tiveram como conseqüência revisões em teorias sobre ordem de palavras (Derbyshire 1977, 1981), fonologia (cf. Rodrigues 1984 para uma resenha; Everett e Seki 1985, Judith Payne 1990), estrutura sintática formal (Brandon e Seki 1984) e tipos possíveis de sistemas de marcação de caso (Franchetto 1990, Seki 1990, Soares 1990, Gildea 1992a-b). Em cada caso, as línguas sul-americanas exibiram padrões considerados impossíveis segundo as predições da teoria lingüística. Se essas línguas houvessem desaparecido antes de serem estudadas, a teoria lingüística teria permanecido para sempre mais pobre.

2.2. Importância Cultural. Embora o trabalho lingüístico descritivo sobre a maioria das línguas em perigo ainda seja possível e os benefícios científicos desse trabalho sejam claros, as implicações culturais não são igualmente óbvias. Visto que a língua é o principal modo de expressão de cultura, uma cultura só pode florescer quando é nutrida por uma comunidade de base que mantém sua língua como o meio principal de comunicação. Evidentemente, línguas que não estão sendo aprendidas por crianças estão a um passo da extinção; se nada mudar, será apenas uma questão de tempo os últimos falantes morrerem. Não é bem certo o número de línguas brasileiras que se encontram nessas condições; das 25 línguas faladas em Rondônia (onde os pesquisadores do Museu Goeldi têm informações de primeira mão), 3 não estão mais em uso (ou seja, os últimos falantes sobreviventes não têm nenhuma comunidade com quem falar), 13 têm muito poucos falantes ou não são mais aprendidas por crianças, e apenas 9 ainda estão sendo aprendidas por um bom número de crianças como línguas maternas. Que pode oferecer o estudo lingüístico a grupos em semelhante situação?

Um conjunto de artigos publicados recentemente na revista científica *Language* (Hale ed. 1992) provê exemplos de como lingüistas podem ajudar comunidades que desejam conservar suas línguas e seus sistemas tradicionais de conhecimento (cf. também Fishman 1992 para uma discussão mais detalhada). O ponto principal dessas estratégias é a alfabetização na língua materna. Depois de realizar uma cuidadosa análise científica da língua, um lingüista está em condições de propor um sistema de escrita (ortografia) e de ajudar professores indígenas a desenvolverem materiais para alfabetização (Zuñiga *et al.* 1987). Um artigo recente no *New York Times* (Wilford 1991) descreve o profundo efeito das publicações em língua nativa produzidas pelo Projeto Oaxaca no México. O fundador do projeto, o Dr. Russell Bernard, explica os motivos para a publicação em línguas nativas:

(...) apenas se os jovens tiverem o sentimento de que a sua cultura merece ser conservada é que eles a conservarão. Escrever livros na sua língua materna tem esse efeito. Há um grande poder na presença física de um livro. Ver a sua língua materna escrita e encadernada, exatamente como os livros em português, inglês, espanhol ou francês, gera mais sentimento de valor para a língua do que qualquer outra coisa. A produção e a venda de livros em línguas nativas dá a essas línguas legitimidade pública e reforça a identidade cultural. A identidade cultural é uma fonte de poder político e econômico.

A constituição brasileira em seu artigo 231 garante terra e outras condições para que as populações nativas mantenham seus modos de vida tradicionais. Esse artigo é geralmente interpretado como implicando assistência a seus esforços de manutenção de suas distintas culturas, línguas e adaptações ecológicas. As características primordiais que distinguem os povos indígenas dos brasileiros são a cultura e a língua. Uma vez que o processo de perda lingüística (e cultural) esteja em andamento, as comunidades encontram dificuldades ainda maiores para obter assistência, pois o modo de vida tradicional já está quase desaparecendo.

À medida que a necessidade de descrições lingüísticas básicas é mais amplamente reconhecida, a procura por lingüistas vai aumentando. A maior procura por pesquisa lingüística e documentação provém das próprias comunidades indígenas. Muitas comunidades individuais estão requerindo a presença de lingüistas profissionais com o objetivo específico de criar um sistema ortográfico para a sua língua, e, subseqüentemente, para documentar o seu conhecimento tradicional. Recentemente, a Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (COIAB) requereu informalmente assistência técnica da Divisão de Lingüística do Museu Goeldi para ajudar a treinar 300 professores indígenas para educação bilingüe e para estabelecer um programa de documentação eletrônica de línguas e culturas indígenas. Organizações governamentais e não-governamentais (ONGs) do Brasil estão ansiosas para ter a assistência de lingüistas que trabalhem com línguas indígenas: o Ministério da Educação e Cultura (MEC), funcionários dos níveis nacional, regional e local da Fundação Nacional do Índio (FUNAI) e os Secretários de Educação e de Ciência e Tecnologia de vários estados do Brasil procuram a cooperação com lingüistas. ONGs que requereram serviços profissionais de lingüistas do Museu Goeldi incluem o Instituto Antropológico do Meio Ambiente, a Fundação Mata Virgem e a organização ativista católica Conselho Missionário Indigenista. Um grupo internacional de especialistas do *Conseil International de la Philosophie et des Sciences Humaines* recomendou recentemente que a Conferência Geral da UNESCO adote a resolução que pede programas de descrição e documentação de línguas em perigo de extinção; o PLA poderia servir como um projeto piloto para tentar estabelecer um modelo para tais programas em outras partes do mundo. A UNESCO já demonstrou interesse na situação das línguas indígenas na América do Sul através do apoio para a publicação de, por exemplo, Pottier 1983, Zuñiga *et al.* 1987.

Em suma, a demanda de trabalho lingüístico na Amazônia vai muito além da comunidade científica. O trabalho científico está profundamente interligado a qualquer tentativa de preservação de culturas e línguas indígenas.

3. UMA ESTRATÉGIA PARA DESENVOLVER O ESTUDO DE LÍNGUAS AMAZÔNICAS

Dada a concordância universal quanto à necessidade premente de trabalho científico e prático sobre as línguas indígenas do Brasil, por que ainda não houve maiores progressos nesse campo? Devido a problemas tanto históricos quanto culturais, a relativamente pequena comunidade de lingüistas brasileiros com o treinamento necessário não está em posição de dar conta da demanda. O PLA constitui um primeiro passo crítico para a superação desse problema.

3.1. Fatores que dificultam a pesquisa sobre línguas indígenas brasileiras. Em primeiro lugar, há uma grande escassez de pessoal qualificado. Há somente 12 lingüistas brasileiros com nível de Ph.D. trabalhando com línguas indígenas, e nem todos são pesquisadores ativos. Há apenas cerca de uma dúzia de pesquisadores estrangeiros não-missionários que realizam trabalho

de campo com línguas indígenas no Brasil, e só seis deles moram no Brasil e contribuem para o desenvolvimento de instituições nacionais e para a formação de lingüistas brasileiros; a outra metade mora presentemente no exterior e só ocasionalmente vem ao Brasil. Quase nenhum estudante de pós-graduação estrangeiro pesquisa línguas indígenas brasileiras, parcialmente por causa da barreira da língua (poucos falam português), parcialmente por causa de obstáculos burocráticos (obter-se permissão para se realizar pesquisa em áreas indígenas do Brasil implica o envio de requerimentos para duas organizações governamentais diferentes, com um tempo de espera médio de 3 a 6 meses para a aprovação), e parcialmente também devido à falta de informações sobre oportunidades de pesquisa.

Em segundo lugar, muitos lingüistas de campo brasileiros se encontram em um ambiente pouco encorajador para suas pesquisas. A maior parte dos programas de lingüística indígena brasileiros são situados academicamente dentro de departamentos de letras e lingüística, os quais nem sempre têm em alta conta a teoria e a metodologia necessárias para a descrição, freqüentemente não dispõem de cursos básicos como fonética e tendem por conseguinte a marginalizar o estudo de línguas indígenas. Muitos dos cerca de 45 lingüistas brasileiros com nível de mestrado que trabalham ou trabalharam com línguas indígenas estão agora em instituições onde há pouco interesse nessas línguas e nenhum apoio administrativo para a continuação desse trabalho. Em consequência, professores e estudantes freqüentemente não têm nem recursos para prosseguirem com suas pesquisas nem incentivo para publicarem seu trabalho quando o terminam. A falta de contato com outros lingüistas que trabalham com línguas indígenas ou com questões teóricas geradas pelo seu estudo diminui a motivação para mais pesquisa e publicação.

Em terceiro lugar, há uma escassez geral de recursos: muito pouco financiamento internacional esteve disponível para pesquisa e documentação lingüística. O financiamento do governo brasileiro é extremamente limitado e imprevisível; recentemente ele foi totalmente paralisado por dois anos durante o governo Collor.

Em quarto lugar, há pouco equipamento e o acervo bibliográfico é reduzido. Nos últimos anos, avanços significativos foram feitos quanto ao equipamento de áudio-vídeo e aos computadores; esses instrumentos, contudo, embora relativamente baratos, freqüentemente não são encontrados no Brasil, ou, quando se os encontra, têm preços além das possibilidades da maioria das organizações lingüísticas. Além disso, as bibliotecas técnicas no Brasil em geral não conseguem manter-se atualizadas em publicações mesmo em lingüística teórica, muito menos nas de lingüística aplicada, necessárias para o treinamento de estudantes para o trabalho prático necessário no Brasil. Até que essa necessidade seja atendida, o nível científico da lingüística no Brasil não pode ser elevado significativamente.

Em quinto lugar, não há nenhum programa de documentação organizado para coletar todos os trabalhos já feitos até agora e servir como repositório para trabalhos futuros. A documentação eletrônica é esporádica e raramente utiliza a melhor tecnologia disponível.

É importante ressaltar que os mesmos problemas também dificultam a assistência prática às línguas indígenas: na ausência de lingüistas de campo ativos e bem-treinados, encontra-se uma correspondente ausência de lingüistas qualificados para planejar ortografias e material escrito para comunidades indígenas; a ausência de equipamento de gravação e de computadores solapa não somente a pesquisa básica, mas também os programas de documentação eletrônica e de publicação de textos tradicionais requeridos por comunidades indígenas.

3.2. O Projeto Línguas Amazônicas como instrumento de desenvolvimento. O Projeto Línguas Amazônicas foi planejado especificamente para superar os fatores negativos acima arrolados. Em primeiro lugar, o número de pesquisadores altamente qualificados será aumentado a longo prazo mediante o treinamento de mais lingüistas brasileiros. Tentar-se-á superar a escassez imediata atraindo do exterior pesquisadores que concordem em ajudar o desenvolvimento do estudo de línguas indígenas por brasileiros. Em segundo lugar, a pesquisa na comunidade lingüística brasileira será facilitada convidando-se pesquisadores de todos os níveis a visitarem o Projeto e dando-se-lhes acesso a meios e oportunidades de que talvez não disponham em suas instituições de origem. Estímulo e intercâmbio científicos serão oferecidos através do incentivo à presença constante de pesquisadores visitantes e do apoio financeiro a eventos científicos como *workshops* de lingüística. Para aumentar as oportunidades de publicação, serão editados e publicados números especiais do *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi* dedicados a línguas indígenas. Em terceiro lugar, será conseguido financiamento de fontes tanto nacionais quanto internacionais para um programa de cinco anos, de forma a dispor-se dos recursos necessários para o planejamento racional do desenvolvimento futuro. Em quarto lugar, o equipamento e os recursos do P.L.A. estarão à disposição de todos os pesquisadores de línguas indígenas, inclusive os próprios indígenas. Em quinto lugar, será organizado um programa de documentação de áudio-vídeo em grande escala. O arquivo de gravações

documentais resultante permanecerá armazenado no Museu Goeldi e será posto à disposição de outras instituições e de grupos indígenas. Além disso, será dado acesso ao equipamento e assistência técnica a outras instituições e a organizações indígenas que desejarem realizar documentações semelhantes.

A Área de Lingüística do Museu Goeldi é o lugar ideal para o Projeto Línguas Amazônicas. Historicamente, o estudo de línguas indígenas no Brasil foi melhor desenvolvido em Museus (como o Museu Nacional do Rio de Janeiro). Localizado em Belém (uma cidade com mais de um milhão de habitantes na embocadura do Amazonas), o Museu Goeldi é um instituto de pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq); o Museu Goeldi é uma das duas instituições na Amazônia escolhidas para o programa "Centros de Excelência", designados para incrementar a capacidade de pesquisa durante os próximos três anos. A missão do Museu Goeldi é estudar a Amazônia; nele desenvolvem-se grandes programas nos campos da antropologia e da arqueologia, e também departamentos de zoologia, botânica e ecologia (um fato que torna mais fáceis os estudos interdisciplinares). O Museu Goeldi já abriga extensas coleções científicas nas áreas de arqueologia e antropologia (doadas por Nimuendaju, Meggers e Evans, Roosevelt e outros notáveis pesquisadores da Amazônia) e dispõe de apoio computacional (um *mainframe* com e-mail) para possíveis programas internacionais. Além disso, o Museu Goeldi publica um jornal, o *Boletim do Museu Paraense Emilio Goeldi*, que tem uma história de, entre outros temas, descrição lingüística.

O programa de lingüística do Museu Goeldi mantém excelentes relações com organizações indígenas, FUNAI, CNPq e outras agências federais e estaduais. Há espaço para a expansão do pessoal permanente, o que oferece uma estrutura administrativa permanente para abrigar o PLA. Uma vez que a massa crítica de pesquisadores e pessoal administrativo esteja instalada, o PLA ganhará o benefício de intercâmbio e encorajamento acadêmicos, e também de economia de escala: menos equipamento servindo a mais lingüistas, tornando assim possível administrarem-se projetos mais amplos que requeiram coordenação central (como o projeto de documentação descrito na seção 6). Com sua dedicação exclusiva às línguas indígenas amazônicas, o PLA se converterá em uma preciosa fonte de dados para a comunidade lingüística mundial, um lugar onde se poderão obter informações sobre línguas indígenas, bem como contatos para pesquisa com seus falantes.

Embora relativamente jovem, o programa de lingüística do Museu Goeldi já se distinguiu como um lugar em que se pode obter treinamento lingüístico prático de qualidade (embora sem diploma). Além disso, o programa de lingüística financiou um bom número de cursos intensivos de lingüística, incluindo-se o primeiro Curso Intensivo em Lingüística Indígena em 1988, e cursos mais recentes, dados pelo Dr. Michel Launey da Université de Paris VII / CNRS (França), pelo Dr. Francisco Queixalós do CNRS/ORSTOM (França) e pelo Dr. Spike Gildea da Rice University (USA). Nove estudantes treinados no Museu Goeldi (a maioria dos quais é originária da região amazônica) já entraram em programas de pós-graduação em lingüística, quatro deles em países estrangeiros. Outros preparam-se para seguir seus passos: mais seis estudantes treinados no Museu Goeldi participaram do Linguistic Institute da Linguistic Society of America (Sociedade de Lingüística da América) na Universidade Estadual de Ohio (julho a agosto de 1993) e todos os seis deverão estar em programas de pós-graduação em países estrangeiros por volta do segundo semestre de 1994 (dois deles já estão em programas de pós-graduação nos EUA). Esse manancial de excelentes jovens profissionais garante o futuro do programa de lingüística, assegurando a formação de um pessoal altamente competente à medida que forem retornando com elevados graus acadêmicos e conexões com os melhores centros de pesquisa lingüística do mundo. Em grande parte devido a esses estudantes, doze línguas amazônicas estão atualmente sendo estudadas em projetos do Museu Geldi, e três novos projetos (envolvendo dois novos estudantes) começarão o estudo de mais quatro línguas por volta do fim de 1993. Projetos de desenvolvimento institucional também estão em andamento, incluindo aquisição de equipamento e de livros, um arquivo de gravações de áudio, um arquivo de documentações e uma bibliografia computadorizada sobre trabalhos no campo de línguas amazônicas.

Os lingüistas que estão planejando o PLA são todos pesquisadores ativos de línguas amazônicas envolvidos em projetos do Museu Goeldi: Sidney Facundes, bacharel, Universidade Federal do Pará (UFPA), estudante de mestrado, University of Oregon; Marília Ferreira, bacharel, UFPA, estudante de mestrado, Universidade Federal de Brasília; Nilson Gabas Jr., mestrado com louvor, Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), estudante de doutorado, University of California, Santa Barbara; Spike Gildea, Ph.D., University of Oregon, pesquisador visitante da Rice University (financiado pela Fundação Nacional de Ciência norte-americana); Raquel Guirardello, mestrado com louvor, UNICAMP, bolsista de desenvolvimento científico regional; Denny Moore, Ph.D., City University of New York, funcionário e coordenador da Divisão de Lingüística durante os últimos cinco anos; Nádia Pires, mestrado com louvor, UNICAMP, pesquisadora associada, bolsista de desenvolvimento científico regional; Francisco Queixalós,

Ph.D., Université Paris IV, pesquisador visitante financiado pelo CNRS/ORSTOM, um dos fundadores do *Centro Colombiano de Estudios en Lenguas Aborígenes* situado em Bogotá, Colômbia (semelhante, em muitos aspectos, ao que está sendo proposto aqui); Carmen Rodrigues, D.E.A., Université de Paris VII, estudante de doutorado, Université de Paris VII; e Luciana Storto, bacharel, UNICAMP, estudante de mestrado, Pennsylvania State University.

Em suma, o PLA aqui proposto é essencialmente uma expansão de um programa já reconhecidamente bem-sucedido, baseado em um núcleo de pesquisadores de competência e experiência comprovadas.

4. METAS DO PROJETO LÍNGUAS AMAZÔNICAS

4.1. Metas gerais. Dada a situação precária das pouco estudadas línguas amazônicas e as solicitações que estão sendo feitas por comunidades indígenas, nossas metas primárias são: (1) aumentar a qualidade e a quantidade da pesquisa lingüística na Amazônia brasileira, tanto para servir como uma base para assistência prática duradoura a comunidades indígenas quanto para aprimorar o conhecimento científico sobre as línguas indígenas amazônicas e suas relações com a cultura, o meio ambiente e a pré-história; e (2) oferecer apoio prático imediato a comunidades indígenas em sua batalha para preservar suas línguas e culturas nativas, tanto por meio do oferecimento de serviços práticos diretamente à comunidade quanto através do treinamento de membros selecionados dessas comunidades, de modo a permitir-lhes possuírem os instrumentos para se ajudarem a si mesmos.

4.2. Estratégia global. As metas gerais deste projeto serão obtidas através do desenvolvimento de um centro de excelência duradouro para a pesquisa científica sobre línguas indígenas no Brasil, o que implica a necessidade de desenvolver uma equipe permanente, infra-estrutura interna e capacidade de pesquisa que continuem depois da conclusão do período de cinco anos do projeto. O método para conseguir-se esse resultado será o treinamento de estudantes brasileiros de lingüística cuidadosamente selecionados em métodos de pesquisa de campo, dando-se-lhes em seguida a possibilidade de prosseguirem os seus estudos até o nível de Ph.D. (um processo já em curso no Museu Goeldi). Esses estudantes garantirão a existência de uma equipe permanente de lingüistas de alta qualidade. Contudo, eles não poderão atender a todas as necessidades de pesquisa do PLA a curto e médio prazo; por conseguinte, propõe-se aqui o recrutamento de pessoal temporário para as necessidades imediatas de ensino. Para atender tanto às necessidades de pesquisa mais imediatas quanto às de longo prazo, propõe-se a criação de um intercâmbio científico mutuamente vantajoso: o PLA agiria essencialmente como ponto de ligação entre comunidades indígenas e pesquisadores interessados, tanto da comunidade científica brasileira quanto de instituições estrangeiras. Em troca pela ajuda no contato com a comunidade e no processo de obtenção da permissão governamental para pesquisa em áreas indígenas (p.ex., para todos os pesquisadores, a autorização para a entrada em áreas indígenas; para pesquisadores estrangeiros, vistos para períodos longos e permissão para realizar um projeto de pesquisa no Brasil), o PLA requereria dos pesquisadores que se comprometessem a utilizarem uma parte do seu tempo e dos seus recursos para (1) ajuda prática para a comunidade com a qual trabalham e (2) ajuda prática para desenvolvimentos posteriores do próprio PLA (ou seja, mini-cursos, colóquios e consultas sobre áreas de sua especialidade em análise lingüística).

4.3. Metas Específicas:

Pesquisa Científica

O PLA pretende concentrar-se na descrição lingüística básica de tantas línguas quantas for possível registrar, principalmente as mais ameaçadas, de todos os grupos lingüísticos e de todas as regiões da Amazônia (e de outras partes do Brasil), com a expectativa de que os pesquisadores publicarão descrições e outros trabalhos. Como estimativa preliminar, incluindo-se as línguas pesquisadas por estudantes, membros do pessoal, estagiários, bolsistas e pesquisadores visitantes, espera-se realizar pesquisas que levem à descrição total ou parcial de até 50 línguas indígenas durante o período de cinco anos do projeto. Essas novas descrições deverão estimular pesquisas comparativas ulteriores, o que abre o caminho para uma melhor classificação e reconstrução de várias famílias lingüísticas e, em última instância, para trabalhos sobre a relação entre língua e pré-história, especialmente no que tange ao ambiente e às culturas pré-históricas. Além dessa pesquisa interdisciplinar, espera-se que seja possível relacionar-se os dados das descrições lingüísticas com os problemas atuais da teoria lingüística, em especial a verificação de universais da linguagem humana.

Documentação

O PLA realizará um programa de documentação de dados de áudio-vídeo durante o qual gravações de uma mesma extensa lista de palavras e de um mesmo questionário gramatical básico, além de textos espontâneos e informações sobre os falantes e sua cultura, seriam feitas para cada língua encontrada no Brasil. Além das gravações padronizadas, será fornecido apoio para a realização de outras gravações (não-padronizadas) de material lingüístico e da cultura

tradicional em comunidades individuais, feitas por lingüistas ou por povos indígenas (cf. treinamento prático); essas gravações serão também arquivadas. Por fim, o PLA também criará um arquivo de documentações de línguas indígenas brasileiras.

Projetos práticos com comunidades indígenas

O PLA encorajará a colaboração com comunidades indígenas para fornecer quaisquer serviços lingüísticos que sejam requisitados. Baseando-se em solicitações atuais, estima-se que sejam desenvolvidas ortografias utilizáveis, materiais de alfabetização e materiais de preservação cultural para 35 a 40 línguas. O PLA tentará auxiliar as comunidades indígenas a encontrarem suas próprias vozes através do incentivo à produção de textos pelos próprios nativos, do treinamento de membros das comunidades no uso de equipamento de áudio e vídeo de modo a que eles possam criar seus próprios materiais documentários (não-padronizados) e do treinamento de lingüistas indígenas e professores bilíngües.

Treinamento e intercâmbio científico

O PLA estará em uma posição privilegiada para combinar o treinamento com o intercâmbio científico. Em primeiro lugar, o PLA oferecerá um programa de mestrado com duração de dois anos com ênfase especial em pesquisa de campo e publicação. Professores visitantes, tanto brasileiros quanto estrangeiros, participarão do programa mediante aulas e consultas; os recursos do PLA (equipamento técnico e arquivos) deverão continuar a atrair novos pesquisadores visitantes, o que aumentará ainda mais as possibilidades de intercâmbio. Através dos visitantes, serão estabelecidos contatos mais estreitos e mutuamente benéficos com outras instituições. A esse intercâmbio inerente serão adicionados eventos especiais, tais como *workshops* para estudantes e conferências para lingüistas já estabelecidos. Para divulgar mais prontamente os resultados desse intercâmbio, será financiada a publicação de duas edições especiais por ano sobre lingüística do *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*.

PARTE II: ATIVIDADES DO PROJETO PROPOSTO

5. PESQUISA

Há muitos tipos diferentes de pesquisa a serem realizados sobre as línguas indígenas da Amazônia. O PLA encorajará uma grande variedade de atividades de pesquisa, realizadas por pesquisadores com diferentes experiências e com diferentes perspectivas teóricas, sobre uma seleção de línguas representativas de diversas regiões e agrupamentos genéticos.

5.1. Tipos de Pesquisa. A necessidade mais fundamental diz respeito à descrição e à análise básica: fonologia, morfologia, sintaxe, dicionários e coletâneas de textos. À medida que esse trabalho vai sendo executado, mais proto-línguas serão reconstruídas, tornando mais possível a pesquisa comparativa com grupos maiores, o que, por sua vez, facilitará a pesquisa interdisciplinar sobre a pré-história amazônica. Também se tornará cada vez mais possível determinar características areais e tipológicas das línguas amazônicas, as relações entre língua e cultura, tecnologias de subsistência e o meio ambiente amazônico, e o uso da linguagem na vida social de povos relativamente não-aculturados.

O PLA enfatizará o trabalho de campo lingüístico em comunidades indígenas, particularmente porque essas línguas são faladas em geral apenas nessas comunidades, e parcialmente porque a compreensão real de como uma língua é usada requer que ela seja estudada dentro do contexto social onde é usada. Para o trabalho prático que depende de pesquisa de campo já completada, pode ser útil trazer para a cidade de vez em quando um membro da comunidade cuidadosamente selecionado para maior colaboração, desde que tal deslocamento seja conveniente para o indivíduo e para a sua comunidade.

5.2. Apoio a pesquisadores. Será dada prioridade ao desenvolvimento da capacidade brasileira de pesquisa por meio do treinamento de mais lingüistas e do apoio aos lingüistas que já estão estudando línguas indígenas. Esse apoio consistirá de assistência financeira para pesquisa, uso de equipamento e biblioteca, consultas com outros lingüistas e acesso a fitas e arquivos de documentação.

Pesquisa realizada por lingüistas visitantes brasileiros

Será estabelecido um programa de apoio para visitas de lingüistas brasileiros que trabalham em outras instituições ao PLA, com duração de até três meses. Os visitantes deverão descrever um projeto de pesquisa em uma proposta breve que será julgada competitivamente. Lingüistas sêniores teriam a opção de não realizar trabalho de campo, executando ao invés disso outras atividades de pesquisa, de modo a contribuir com seus valiosos conhecimentos e sua vasta experiência para o progresso de outros lingüistas, bem como para o treinamento de estudantes.

Linguístas júniores visitantes realizarão pesquisa de campo por dois meses, em geral, com duas semanas de consultas no PLA antes de irem para o campo e mais duas semanas ao voltarem, para discutir os resultados obtidos.

Bolsistas brasileiros no Museu Goeldi

Muito da pesquisa (e também da administração) do Museu Goeldi tem sido tradicionalmente realizado por pesquisadores com vários tipos de bolsas governamentais. Essa frutífera tradição será expandida no PLA. Linguístas com mestrado estão qualificados para uma bolsa de desenvolvimento científico regional de dois anos, um período freqüentemente usado por eles para coletar dados para a tese de doutorado enquanto contribuem para o funcionamento geral do programa de lingüística. A partir de 1997, linguístas com um mestrado do próprio PLA também estarão aptos a receberem essas bolsas. O programa de estágio informal do Museu (Estágio em Lingüística Indígena) para estudantes de graduação excepcionais e para estudantes recém-graduados continuará a fornecer pequenas bolsas estudantis. Esses estagiários terão em média uma visita de dois meses ao campo por ano.

Estudantes brasileiros de pós-graduação em lingüística

Os quinze estudantes no programa de mestrado do PLA farão uma grande contribuição de pesquisa, cada um indo ao campo em média três vezes durante o programa, durando cada visita dois meses, e analisando, nos períodos entre as visitas, os dados obtidos. É também essencial dar apoio à pesquisa de campo realizada por linguístas brasileiros que já estão em programas de pós-graduação no exterior, de modo que eles possam obter mais dados a cada ano para suas teses de doutorado. Sem tal apoio, muitos se vêm obrigados a abandonarem a lingüística indígena e a escrever sobre algum tópico da língua portuguesa. Visitas anuais de dois meses ao campo serão provavelmente suficientes para a obtenção dos dados necessários.

Linguístas empregados pelo Museu Goeldi

Pode-se esperar que os linguístas que façam parte da equipe do Museu Goeldi visitem o campo duas vezes por ano, em média, cada visita durando dois meses; um pouco menos para os que tiverem obrigações de ensino. O número de linguístas empregados crescerá continuamente à medida que mais brasileiros receberem seus doutorados e retornarem.

Linguístas visitantes estrangeiros

Para aumentar o volume de pesquisas sobre línguas amazônicas, ajudar o desenvolvimento da capacidade de pesquisa lingüística brasileira e aumentar o número de linguístas disponíveis para assistência prática às comunidades indígenas, pesquisadores estrangeiros serão convidados a realizarem estudos sob os auspícios do PLA. Tais convites serão atraentes para linguístas estrangeiros uma vez que o PLA pode prover (1) informações sobre a localização de comunidades indígenas, métodos de acesso e estimativas de custo; (2) ajuda para a obtenção das autorizações e permissões de pesquisa necessárias; (3) apoio infra-estrutural em termos de acesso à biblioteca e a materiais de documentação, bem como a computadores e ao *e-mail* (correio eletrônico); e (4) orientação sobre como lidar com as condições de campo na Amazônia. Serão divulgadas informações sobre essa oportunidade em periódicos especializados, redes de computadores e através de contatos pessoais.

Em troca, esperar-se-á de cada pesquisador visitante estrangeiro que ajude linguístas brasileiros através de consultas e intercâmbio de informações e conhecimentos técnicos. Eles também deverão contribuir através de assistência prática às comunidades indígenas nas quais trabalharem. Esses visitantes, tanto profissionais bem estabelecidos quanto estudantes de doutorado, precisarão obter financiamento de pesquisa próprio, embora o PLA forneça assistência financeira a projetos práticos, selecione estudantes brasileiros para projetos em colaboração e forneça apoio infra-estrutural. Esses pesquisadores estrangeiros acabarão por constituir uma rede internacional de apoio e intercâmbio científico para linguístas brasileiros e para os povos indígenas, facilitando também o treinamento de estudantes brasileiros em programas de pós-graduação no exterior.

6. DOCUMENTAÇÃO

Nos últimos anos, tornou-se possível realizar gravações acústicas perfeitas por meio do uso de tecnologia digital de áudio (DAT - *digital audio technology*), bem como imagens de alta resolução com pouca iluminação com som estéreo de alta fidelidade através de vídeos Hi-8, com um alto grau de portabilidade e custos baixos. O PLA dirigirá um programa organizado em larga escala para a documentação de áudio-vídeo das línguas indígenas brasileiras, com o objetivo de produzir gravações de áudio-vídeo de todas as 170 línguas indígenas do Brasil, além dos cerca de 30 dialetos principais dessas línguas. Serão gravadas aproximadamente dez horas de fitas acústicas DAT, segundo um formato padronizado, para cada língua ou dialeto. Duas horas desse material serão gravadas também em *videotape*.

Outros tipos não-padronizados de documentação de línguas e culturas tradicionais serão efetuados no campo. Uma das metas do projeto é prover treinamento e experiência com documentação eletrônica para membros de comunidades indígenas que desejem utilizar-se dessa tecnologia para ajudar a preservar suas próprias línguas e culturas. Quando um número suficiente de pessoas houver sido treinado, os lingüistas e os técnicos envolvidos no programa de documentação oferecerão assistência técnica para o estabelecimento de centros nos quais os próprios indígenas possam realizar seus projetos de documentação eletrônica. Uma outra meta do projeto é o recolhimento de documentos sobre línguas indígenas brasileiras com vistas à formação de um arquivo.

6.1. Fitas padronizadas de documentação. Fitas padronizadas de documentação pela primeira vez permitirão que se tenha alguma base para um quadro geral do grau de parentesco entre línguas e dialetos, algumas idéias preliminares sobre seus sistemas de sons e algumas das características gramaticais, além de informações sobre seus falantes. Para a maioria dessas línguas ou dialetos, essas fitas serão as únicas gravações de alta qualidade que jamais serão feitas. Fitas são mais úteis do que listas de palavras, visto que transcrições podem ser verificadas de novo e os sons podem ser submetidos a análise por meio de instrumentos. O formato padrão aumenta bastante a comparabilidade. As fitas serão especialmente úteis para especialistas que trabalhem com línguas ou dialetos da mesma família e para lingüistas que desejarem informações preliminares para facilitar o trabalho de campo.

As dez horas de gravação de cada uma das 200 línguas/dialetos-alvos seguirá um protocolo padrão que incluirá uma lista considerável de itens vocabulares (cf. a lista de mais de 700 palavras de Berlin e Kaufman para o SAILDP), um conjunto de construções gramaticais a serem traduzidas na língua indígena em estudo, alguns textos espontâneos com tradução em português e perguntas sobre população, história, cultura e conhecimentos tradicionais. Esse protocolo será estabelecido antes do fim de 1995 mediante consultas a lingüistas, antropólogos, botânicos e zoólogos. Uma viagem ao exterior em 1995 permitirá a consulta definitiva sobre o conteúdo lingüístico do protocolo e sobre como maximizar a utilidade fonética das gravações, permitindo também a seleção e a aquisição de equipamento. Para garantir o máximo de utilidade e qualidade científica possível, dois eminentes lingüistas, o Dr. Ken Hale do M.I.T., e o Dr. Aryon Rodrigues da Universidade de Brasília, visitarão o PLA como consultores por duas vezes (se seus cronogramas permitirem) durante os dois anos do projeto de gravações padronizadas, uma vez após a gravação das primeiras fitas e outra vez um ano depois.

Um especialista em equipamentos de áudio-vídeo visitará o PLA no fim de 1995 para dar aulas sobre o uso e a manutenção do equipamento. As aulas serão importantes para disseminar o conhecimento da tecnologia moderna entre todos os que trabalham na Amazônia. Lingüistas e técnicos do Museu Goeldi (inclusive estudantes de mestrado), lingüistas de outras instituições, os pesquisadores de campo que realizarão as gravações padronizadas e membros selecionados das comunidades e organizações indígenas assistirão às aulas.

Apesar de seus objetivos ambiciosos, dois fatores principais tornam possível o projeto de documentação: em primeiro lugar, embora o protocolo de elicitación deva ser elaborado com cuidado e exatidão, a realização das gravações será uma tarefa relativamente rotineira que poderá ser aprendida e executada por pessoas com pouco treinamento lingüístico; em segundo lugar, 90% das 200 línguas ou dialetos podem ser gravadas em centros regionais da FUNAI, onde os indígenas vêm fazer suas compras, receber cuidados médicos e tratar de assuntos administrativos. (Ou seja, não será necessário visitar 200 aldeias diferentes.) As demais poderão ser localizadas à medida que se forem acumulando informações, sendo visitadas quando for conveniente.

Os trabalhadores de campo serão pagos pelo número de conjuntos de fitas produzidos (um conjunto para cada língua ou dialeto) de modo a encorajar a produtividade e a documentação do maior número possível de línguas. A qualidade pode ser facilmente verificada examinando-se amostras do material gravado nas fitas. Os trabalhadores de campo serão recrutados em diversas instituições de modo a aproveitar a familiaridade local e estender o número de instituições envolvidas no projeto. Baseando-se em experiências passadas, estima-se que três dias serão necessários para a gravação de dez horas de fitas de documentação, com uma média de dois dias adicionais por língua para a viagem e a localização de informantes. Mantendo-se sempre pelo menos dois pesquisadores no campo continuamente, deverá ser possível gravar um total de aproximadamente 100 línguas ou dialetos por ano, totalizando 200 em dois anos.

No Museu Goeldi, um administrador e um técnico serão responsáveis pelas tarefas administrativas, pela classificação e cópia das fitas, pelo treinamento de mais trabalhadores de campo e, junto com o diretor do PLA e os consultores, pela coordenação do cronograma das viagens para gravação e pelas relações com outras instituições envolvidas. Duplicatas das fitas

DAT e das fitas de vídeo serão feitas e guardadas em locais separados. Cópias em fitas cassete estéreo comuns serão feitas para o uso de pesquisadores e também de indígenas, que estão geralmente muito interessados em gravações da sua própria língua e de outras aparentadas. A transcrição e o estudo das fitas não estão incluídos no presente projeto. Esse trabalho será o objetivo de projetos subseqüentes, organizados por lingüistas no Brasil ou por membros de comunidades indígenas. Pedir-se-á aos pesquisadores que receberem cópias das fitas que enviem cópias das suas transcrições para o Museu Goeldi; com cooperação externa, o trabalho de transcrição prosseguirá cumulativamente.

6.2. Gravações não-padronizadas no campo. A documentação eletrônica mais intensa de línguas e culturas tradicionais será efetuada no campo, o que será especialmente útil para línguas em grande perigo de extinção, para gravar o uso da língua em contextos naturais e para registrar o conhecimento lingüístico tradicional e o conhecimento cultural que as comunidades indígenas desejem preservar. Por exemplo, uma comunidade de índios apurinã ainda narra o seu mito da origem em sua forma original (um processo que leva três noites); o registro de áudio-vídeo desse mito seria de grande interesse para outras comunidades apurinã que não mais se lembram desse elemento central de sua cultura tradicional.

O PLA financiará aproximadamente cinco lingüistas por ano durante quatro anos em projetos de campo de um mês, esperando treinar mais indígenas em pelo menos três dos projetos por ano de maneira a oferecer experiência nesse tipo de atividade a mais pessoas.

6.3. Arquivo de documentação. Um outro tipo de projeto de documentação será a criação de um arquivo de registros escritos sobre línguas indígenas no Brasil. O Museu Goeldi já começou uma compilação computadorizada de todas as referências bibliográficas a línguas indígenas sul-americanas. Essa compilação será expandida e incluirá a listagem da localização dos documentos com vistas a sua futura aquisição. Pesquisadores do PLA visitarão arquivos de registros em Brasília, São Paulo, Manaus e no Rio de Janeiro, onde encontrarão e copiarão registros de interesse.

7. ASSISTÊNCIA PRÁTICA A COMUNIDADES INDÍGENAS

Deve ficar claro ao longo da presente proposta que a colaboração com comunidades indígenas é de importância crucial para o PLA. Dada a atual escassez de lingüistas treinados no Brasil, o simples recrutamento de pesquisadores para comunidades individuais já provê um serviço necessário. Todavia, ocorreu freqüentemente no passado que lingüistas chegassem, coletassem dados durante um certo tempo e então partissem, sem que jamais se ouvisse falar deles outra vez. Os indígenas têm-se queixado repetidas vezes desse tipo de comportamento, chegando ao ponto de ocasionalmente desenvolverem atitudes negativas para com todos os cientistas. Para combater tais tendências, será pedido a todos os pesquisadores afiliados ao PLA ou que dele recebam assistência que concordem em participar de programas de assistência prática às comunidades em que trabalham. Esse trabalho será facilitado mediante apoio técnico e financeiro.

7.1. Serviços mínimos a serem garantidos para todos os projetos do PLA. Em primeiro lugar, será pedido que todos os resultados da análise lingüística sejam compartilhados com os indígenas; no mínimo, cópias de todas as publicações deverão ser enviadas às comunidades e versões em língua portuguesa de análises gramaticais deverão ser postas à sua disposição tão logo seja possível. Em segundo lugar, se assim for requisitado pela comunidade, espera-se dos lingüistas afiliados ao PLA que proponham uma ortografia para as línguas com as quais vierem a trabalhar. Além dessas exigências simples, propõe-se também uma política mais flexível, esboçada com a consciência de que cada comunidade tem necessidades próprias e de que necessidades diferentes devem ser atendidas de modos diferentes.

7.2. Potenciais projetos futuros a serem apoiados. Onde for possível, lingüistas afiliados ao PLA serão encorajados a colaborar com falantes individuais das línguas que vierem a estudar na criação de materiais de alfabetização, no treinamento de professores bilíngües e na produção de materiais escritos em computador pelos próprios falantes. O PLA oferecerá quatro tipos de apoio concreto a esses projetos práticos. Em primeiro lugar, o equipamento técnico estará disponível para auxiliar a análise lingüística e o arquivamento de registros: gravadores de fitas cassete, câmeras de vídeo, equipamento fonético no laboratório lingüístico, bem como programas de computador que facilitem o processo de análise. Em segundo lugar, aconselhamento técnico estará disponível, tanto do grupo crescente de lingüistas residentes com experiência no processo de desenvolver ortografias e materiais de alfabetização em comunidades indígenas quanto do acervo bibliográfico atualizado da biblioteca. Em terceiro lugar, o equipamento necessário estará à disposição, o que inclui computadores, uma impressora a *laser* e apoio técnico para o seu uso, de maneira que materiais de alfabetização recém-desenvolvidos possam ter um alto nível de apresentação a um custo relativamente baixo. Enfim, apoio financeiro estará disponível para a necessária colaboração entre lingüistas e membros da comunidade na produção de material de

alfabetização, no treinamento de professores indígenas nas aldeias e no treinamento de autores indígenas no uso do equipamento necessário. Ajuda financeira para tais projetos práticos estará à disposição de qualquer lingüista que esteja efetuando suas pesquisas através do PLA, independentemente de sua origem. Desta forma, pesquisadores visitantes receberão não somente encorajamento, mas também meios materiais para participar dos projetos práticos solicitados pelas comunidades indígenas.

Estima-se que, dentre as línguas a serem estudadas por projetos do PLA nos próximos cinco anos, as condições permitirão projetos desse tipo em 35-40 comunidades. Para projetos de alfabetização, antecipamos que o PLA financiará a viagem e as despesas diárias para que lingüistas possam trazer 35-40 colaboradores indígenas a Belém no decorrer dos cinco anos do projeto. Durante cada visita de dois meses, lingüistas e colaboradores desenvolverão e revisarão materiais de alfabetização para uso em escolas bilíngües nas aldeias. O PLA então financiará a estada de um mês do lingüista na comunidade indígena para treinar professores no uso desses materiais.

7.3. Treinamento. Organizações indígenas preocupam-se cada vez mais com a necessidade de ajudar membros de comunidades indígenas a desenvolverem as habilidades técnicas necessárias para realizarem sua própria documentação. Sendo um programa de lingüística que já estará fornecendo esse tipo de treinamento para brasileiros, é apropriado para o PLA oferecer um treinamento semelhante para membros de comunidades que estejam colaborando com lingüistas do PLA. As técnicas de documentação poderão também ser transmitidas, quer individualmente, por meio do processo colaborativo, quer formalmente, mediante o programa de treinamento em lingüística abaixo descrito.

Treinamento individual

Como parte do projeto de introdução de materiais de alfabetização (descrito nas seções precedentes), espera-se que 35-40 programas de treinamento altamente individualizados de professores sejam desenvolvidos em comunidades indígenas.

O programa de incentivo à autoria indígena exigirá treinamento individual para cada participante, selecionado por um lingüista do PLA entre os membros da comunidade. Depois de ter sido adotada uma ortografia, o lingüista oferecerá a um membro alfabetizado da comunidade a oportunidade de viajar até Belém, permanecer na cidade por três meses, aprender a usar processadores de texto e aproveitar-se das capacidades de publicação do PLA para criar livros em sua língua nativa. Idealmente, o autor se utilizará de narrativas culturais (seja como contador de histórias, seja baseado em gravações de um contador da comunidade), conhecimentos tradicionais ou experiências pessoais como assunto (embora obviamente o conteúdo deve ser determinado em última análise pelos próprios autores). Espera-se obter cinco autores por ano no período 1996-99, para um total de 20 livros.

O PLA oferecerá treinamento no uso e manutenção da tecnologia de documentação de áudio-vídeo disponível a membros das comunidades indígenas, tanto através das aulas dadas pelos consultores de áudio-vídeo quanto por meio da oportunidade de trabalhar em projetos de documentação eletrônica não-padronizada.

Além disso, todos os falantes que colaborarem com lingüistas do PLA nos projetos de ortografias e materiais de alfabetização terão a oportunidade de aprenderem mais sobre suas próprias línguas, podendo assim contribuir mais significativamente para o aperfeiçoamento do sistema ortográfico e/ou outros materiais de alfabetização (p.ex. a organização de um currículo gramatical para aulas de língua nativa), bem como para o treinamento de professores nas aldeias. Durante o período de dois meses em Belém (descrito nas seções precedentes), eles poderiam ser treinados individualmente no uso de computadores e equipamento de áudio-vídeo, tanto pelo lingüista com o qual estejam trabalhando quanto pelo técnico residente.

O programa de treinamento lingüístico para falantes de línguas indígenas

Dois cursos intensivos de quatro meses cada serão ministrados em Belém, um em 1996, o outro em 1998. Os cinco falantes nativos de línguas indígenas serão selecionados entre os colaboradores que vierem a Belém para desenvolver ortografias e materiais de alfabetização. Durante o curso intensivo de lingüística, cada estudante continuará a colaborar com o lingüista que estiver estudando a sua língua, mas eles também receberão, em grupo, treinamento em lingüística de um outro lingüista, provavelmente o Dr. Francisco Queixalós, que já possui bastante experiência no ensino de indígenas, tanto informalmente quanto em cursos.

O treinamento consistirá de uma introdução aos conceitos básicos de lingüística, tendo como alvos principais fonética e fonologia (cruciais para a análise de sistemas de sons e, conseqüentemente, para o planejamento e/ou avaliação de sistemas ortográficos), morfologia e

sintaxe (importantes para lições de gramática em materiais de educação bilíngüe), o bastante de teoria semântica para permitir o início de trabalhos sobre dicionários e algum treinamento em técnicas de documentação e no uso de equipamento especial (o bastante para permitir o recolhimento de textos narrativos e outros materiais culturalmente relevantes de outros falantes). Durante o curso, os estudantes continuarão a trabalhar com o lingüista do PLA que estiver estudando a sua língua, no tocante tanto a materiais práticos quanto à aplicação de conceitos aprendidos na sala de aula às suas próprias línguas. Ao final do curso, os estudantes deverão ser capazes de explicar ortografias, ensinar algo da fonologia e da gramática da sua língua a professores bilíngües e ajudar a produzir material pedagógico na sua comunidade.

8. TREINAMENTO DE LINGÜISTAS BRASILEIROS

O meio mais direto e eficiente de superar a falta de pesquisadores brasileiros na área de línguas indígenas é criar um programa de treinamento avançado especificamente dirigido para esse objetivo, um programa que fornecerá exatamente o tipo de treinamento lingüístico, preparação para trabalho de campo e orientação antropológica e ética necessários para a pesquisa de línguas indígenas e para projetos de documentação e de assistência prática. O PLA, em colaboração com uma universidade de Belém (a Universidade Federal do Pará ou a Universidade Estadual do Pará), oferecerá um programa de dois anos de mestrado em lingüística indígena, durante os anos acadêmicos 1995 e 1996. Ao final do programa, os estudantes serão capazes de ir até comunidades indígenas, viver por lá, coletar dados lingüísticos dos membros dessas comunidades, analisar esses dados, escrever apresentações claras e sucintas da análise e ajudar a desenvolver materiais práticos conforme forem solicitados pelas comunidades. Espera-se que alguns desses estudantes, depois de um período de coleta intensiva de dados, continuem até o nível de Ph.D. e se tornem pesquisadores permanentes, alguns no PLA e outros em outras instituições do Brasil. Se a continuação da demanda tornar necessários ainda mais pesquisadores, o ciclo de mestrado de dois anos poderá ser repetido em 1997/1998.

8.1. Seleção de estudantes e do corpo docente. A qualidade dos estudantes será de importância capital, tanto para um programa de mestrado bem-sucedido quanto para a qualidade a longo prazo da pesquisa lingüística a ser efetuada. Os estudantes serão selecionados após uma procura em nível nacional. Estudantes indígenas qualificados terão, evidentemente, a preferência. Os 15 estudantes serão financiados por intermédio de bolsas do Programa Norte de Pós-Graduação (CAPES). Além dos 15 estudantes de tempo integral, cinco estudantes externos por ano serão admitidos a partes escolhidas do curso (o equivalente a semestres simples) como visitantes. Visitantes de outros programas de lingüística do Brasil poderiam receber créditos do PLA para seus cursos com vistas à sua graduação. Com a finalidade de facilitar-lhes a aquisição de conhecimentos de seu interesse, estudantes indígenas sem bacharelado poderão ser admitidos, sem direito a créditos.

Para auxiliar os Ph.D.s residentes e os pesquisadores sêniores visitantes brasileiros em suas obrigações de ensino, dois professores temporários serão contratados por dois anos cada. Eles poderiam ser recrutados no exterior, de modo a não se aumentar o pessoal do PLA às custas do pessoal de outras instituições brasileiras. O PLA começará a anunciar os dois cargos tão logo seja possível, através de organizações profissionais, redes de computadores e contatos pessoais. Os candidatos escolhidos serão trazidos a Belém pelo menos dois meses antes dos cursos começarem de modo a terem tempo de iniciarem cursos intensivos de português falado, se necessário, encontrarem acomodações residenciais e prepararem suas primeiras aulas.

8.2. Conteúdo e créditos. O programa de mestrado de dois anos terá cinco componentes principais: (1) cursos em Belém, (2) três viagens ao campo para coletar dados e testar hipóteses, (3) supervisão individual por parte de lingüistas do PLA, (4) produção de dois trabalhos descritivos preliminares durante o primeiro ano e (5) produção e defesa de uma tese de mestrado ao fim do segundo ano. Os cursos consistirão de 20 horas por semana de aulas de métodos de campo, fonética, fonologia, morfologia, sintaxe, semântica, lingüística comparativa e métodos de documentação de áudio-vídeo. Além disso, cada estudante terá encontros individuais com um orientador por duas horas por semana, no mínimo.

Espera-se que, antes da primeira ida ao campo, cada estudante escolha uma língua diferente com a qual trabalhará. Os estudantes que não manifestarem nenhuma preferência específica serão designados para trabalhar com línguas de grupos que já tenham solicitado a assistência do Museu Goeldi. Os critérios de preferência nas designações serão (1) urgência (ou seja, línguas em maior perigo serão escolhidas primeiro) e (2) interesse científico (para propósitos tanto comparativos quanto tipológicos).

Os horários alternarão cursos com trabalho de campo, com um total de cerca de 14 a 15 meses de cursos e 6 a 7 meses de trabalho de campo distribuídos entre três viagens, um mês de férias entre os dois anos e dois meses ao fim do segundo ano para a finalização da tese de mestrado. Os dois

artigos descritivos preliminares (sobre, respectivamente, fonologia e morfologia) deverão ser entregues no meio e ao final do primeiro ano. A tese, sobre um tópico aprovado em qualquer área da gramática, deverá ser entregue ao final do segundo ano. Como alternativa para a ida final ao campo, estudantes particularmente motivados poderão requisitar a vinda de um informante qualificado a Belém para participar do curso de quatro meses sobre lingüística geral (descrito acima na seção 7.3).

8.3. Treinamento adicional ao programa de mestrado. O PLA proverá bolsa para cursos de uma língua de pesquisa (inglês, francês ou alemão) para até 15 lingüistas e/ou estudantes do PLA por ano. Além de ampliar o número de publicações acessíveis para estudo e pesquisa, a familiaridade com outras línguas tornará os estudantes tanto mais flexíveis na escolha de um programa de pós-graduação quanto mais competitivos na obtenção de apoio financeiro para entrarem no programa escolhido.

Em segundo lugar, o PLA oferecerá apoio financeiro para estudantes e/ou lingüistas residentes para cursos de curto prazo no exterior com o objetivo de fornecer treinamento especializado e estabelecer relações de intercâmbio com diversas instituições. Um bom exemplo de cursos desse tipo é o Linguistic Institute da Linguistic Society of America (Sociedade de Lingüística da América), um curso de verão de seis semanas oferecido a cada dois anos. Outras oportunidades semelhantes poderiam ser encontradas ou arranjadas com várias instituições de vários países, p.ex. para lingüística geral, o programa de universais em tipologia (UNITYP), dirigido pelo professor Hans Jakob Seiler na Universidade de Colônia, na Alemanha; para lingüística ameríndia aplicada, o Institute of Amerindian Studies (Instituto de Estudos Ameríndios) na University of St. Andrews, na Escócia; para etnolingüística ameríndia, o CNRS em Paris, na França; para a relevância das línguas indígenas no campo da lingüística cognitiva, o Max Planck Institute em Berlim; e, para intercâmbio e colaboração com a América Latina, a Universidad de Los Andes (CCELA), em Bogotá, na Colômbia, o Programa de Formación de Maestros Bilingües em Iquitos, no Peru, e a Universidad Nacional de México.

Como os lingüistas de campo são responsáveis por todas as áreas da gramática, é-lhes muito difícil especializarem-se em todas as áreas da lingüística teórica. De modo a garantir o mais elevado nível de relevância teórica possível para as descrições, o PLA manterá um programa que trará dois teóricos conhecidos por ano para consultas com lingüistas no PLA, inclusive os visitantes de outras instituições do Brasil. Os especialistas permanecerão por três a quatro meses, o que permitirá consultas com certo grau de profundidade e eventuais cursos.

9. DIVULGAÇÃO DA PESQUISA E DA DOCUMENTAÇÃO

A pesquisa só é de interesse se seus resultados são postos à disposição da comunidade científica, das comunidades indígenas envolvidas na pesquisa e do público em geral. O PLA divulgará os resultados da pesquisa realizada em línguas indígenas por seus próprios lingüistas e por lingüistas de outras instituições brasileiras. Estes últimos serão trazidos a Belém para visitas de três ou quatro dias durante as quais darão palestras sobre suas pesquisas, usarão o equipamento do PLA e discutirão a futura cooperação. Seguindo os exemplos dos professores que divulgam seus trabalhos, os estudantes e estagiários também serão estimulados a começarem a publicar e a apresentar trabalhos logo no início de suas carreiras. A divulgação de informações científicas toma geralmente duas formas: apresentações em congressos científicos profissionais e publicação na forma de livros ou artigos em revistas científicas com corpo editorial. O PLA se propõe a apoiar ambos os tipos de divulgação.

Lingüistas e estudantes do PLA poderão participar de congressos científicos para apresentarem resultados científicos, receberem novas idéias e estabelecerem contatos inter-institucionais. O PLA proverá o apoio necessário para que lingüistas e estudantes participem de congressos no Brasil e no exterior. O processo de envio de um artigo para uma publicação com corpo editorial ou do manuscrito de um livro para uma editora pode ser demorado e custoso, exigindo várias cópias de várias versões de um dado manuscrito a serem enviadas, talvez para várias editoras, antes que o artigo ou livro seja finalmente impresso. O PLA fornecerá recursos computacionais e auxílio para fotocópias e tarifas postais para todos os lingüistas do PLA que desejem enviar manuscritos a publicações ou editoras tanto brasileiras quanto internacionais.

O próprio PLA hospedará pelo menos dois congressos de três semanas sobre as línguas indígenas da América do Sul não-andina, um em 1997, outro em 1999, com despesas de viagem e acomodação providenciadas para até 20 participantes do Brasil e oito do exterior. Lingüistas de outros países da América Latina serão participantes especialmente valiosos, visto que a sua presença ajudará a produzir uma perspectiva mais ampla da situação lingüística na América do Sul. Esses congressos teriam *workshops* sobre tópicos especiais, além de tempo e apoio técnico (computadores e biblioteca) para a produção de análises, apresentações definitivas por parte de

cada um dos participantes e publicação de artigos escolhidos em um número especial do *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*.

Como um serviço para todos os lingüistas do Brasil, o PLA financiará a avaliação, a edição, a impressão e o envio de dois números especiais do *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi* a cada ano, a partir de 1995. Há atualmente poucas publicações (e, conseqüentemente, poucas oportunidades de divulgação) no Brasil, o que resultou em um acúmulo de materiais excelentes inéditos, os quais, supõe-se, seriam imediatamente submetidos à apreciação do *Boletim*. Ocorrerá logo em seguida a publicação dos primeiros resultados da pesquisa do próprio PLA. Com os recursos computacionais de edição e publicação do PLA, capazes de produzirem cópias prontas para fotografia, será possível editar o *Boletim* mais rapidamente do que antes (e mais rapidamente do que outras publicações brasileiras); o editor lingüístico do *Boletim* solicitará ativamente artigos e estabelecerá um sistema apropriado de avaliação.

Exemplares gratuitos do *Boletim* serão oferecidos a comunidades que falam as línguas descritas no número em questão, a organizações indígenas que manifestarem interesse em recolher documentação lingüística, e também a escritórios locais e nacionais da FUNAI. Exemplares do *Boletim* serão enviados também a outras instituições que publiquem materiais lingüísticos, em troca de exemplares de suas publicações.

O Museu Goeldi tem um departamento de museologia ativo (que montou a muito bem-sucedida Exposição Kayapó nos últimos anos) que pode ajudar a despertar no público em geral uma maior consciência do valor científico-cultural das línguas indígenas da Amazônia. As fitas de documentação de áudio-vídeo serão excelentes fontes de dados para tais esforços.

10. RECURSOS FÍSICOS: EQUIPAMENTO CIENTÍFICO E BIBLIOTECA

O equipamento científico, o material de campo e os recursos de biblioteca são essenciais para um trabalho científico de bom nível e para assistência prática às comunidades indígenas. Os recursos do PLA estarão à disposição de todos os lingüistas brasileiros e também servirão a lingüistas visitantes de outros países. O equipamento moderno e o acervo da biblioteca são importantes para atrair e conservar os melhores pesquisadores.

10.1. Microcomputadores e equipamento de gravação de áudio-vídeo. Este tipo de equipamento será utilizado para análise lingüística, documentação e produção de materiais escritos. A maior parte será adquirida em 1995 e 1996, sendo uma parte adquirida mais tarde para se tirar proveito da tecnologia mais desenvolvida. O Museu Goeldi, como instituto de pesquisa, pode importar equipamento científico sem pagar taxas de importação.

5 microcomputadores de mesa, 486, disco rígido de 250 mega, com *tape drives* internos Colorado

8 *laptops* para uso em Belém e no campo

1 microcomputador Macintosh

3 modems para faxes e mensagens a distância

1 *scanner* colorido

3 impressoras matriciais rápidas

3 impressoras portáteis de jato de tinta

1 impressora a *laser*

1 impressora colorida de jato de tinta

2 espectrógrafos sonoros CECIL (periféricos)

Software: espectrógrafo de som (Macintosh), armazenamento e análise de dados lingüísticos, banco de dados, processamento de texto, tipos para símbolos especiais, OCR, utilitários, redes (comunicação), outros

10 gravadores cassete portáteis com o sistema Dolby de redução de ruídos, baterias recarregáveis e um microfone estéreo (profissional SONY ou similar)

5 gravadores cassete de melhor qualidade, com o sistema Dolby de redução de ruídos, baterias recarregáveis e microfone estéreo

4 gravadores DAT, modelos profissionais, com microfone digital e baterias extras

20 fones de ouvido

20 microfones de lapela

4 microfones unidirecionais de foco concentrado

2 *tape decks* com capacidade para copiarem cassetes DAT ou normais

2 pares de auto-falantes

1 conjunto de fitas fonéticas, fitas Smalley ou outras

4 câmeras de vídeo Hi-8, modelos profissionais, com microfone externo, baterias extras e painel solar

1 equipamento de edição de vídeo, Hi-8

1 aparelho de vídeo-cassete que traduza formatos, Panasonic AGW1

1 monitor de vídeo
 12 caixas para transporte de equipamento, Haliburton ou similar
 10 armários desumidificados para armazenamento

10.2. Equipamento de campo. O PLA criará uma "biblioteca de equipamentos", onde 15 conjuntos de equipamento de campo poderão ser cedidos aos lingüistas a caminho do campo, o que terá como conseqüência uma grande economia de dinheiro e de tempo de pesquisa que se perderia na procura de equipamento. Cada conjunto de equipamento de campo incluirá uma mochila, sacos à prova d'água, uma rede com mosquiteiro, um saco de dormir, produtos químicos para tratamento de água, soro para mordida de cobra, lanternas portáteis, equipamento de cozinha e um protetor contra chuva.

10.3. Acervo da biblioteca. Assinaturas das publicações lingüísticas mais importantes começarão logo que possível. Os livros urgentes para ensino e pesquisa serão logo encomendados e os demais adquiridos ao longo dos próximos cinco anos. Visto que a lingüística é uma área relativamente nova no Museu Goeldi, a biblioteca precisará comprar números atrasados de muitas publicações lingüísticas. Essas compras também serão espaçadas ao longo de um período de cinco anos. No total, o PLA disporá de assinaturas das 10 publicações mais importantes, 35 anos de números atrasados dessas 10 publicações e 1.000 livros.

PARTE III: ADMINISTRAÇÃO DO PROJETO

11. PESSOAL CIENTÍFICO, TÉCNICO E ADMINISTRATIVO

11.1 Pessoal científico, diretor do PLA. O diretor do PLA será um lingüista profissional com ampla experiência em pesquisa entre os povos nativos da Amazônia e em administração e treinamento. Espera-se que esse cargo seja inicialmente ocupado pelo Dr. Denny Moore, pesquisador titular do CNPq e coordenador da Área de Lingüística do Museu Goeldi durante os últimos cinco anos. Para tornar o cargo de diretor competitivo com outras oportunidades no exterior, será oferecido um suplemento salarial.

O diretor, além de conduzir sua própria pesquisa, será responsável pela coordenação geral e pela administração do PLA, tomando decisões em consulta com os pesquisadores e com o pessoal técnico-administrativo do PLA. Outros pesquisadores assumirão a coordenação de atividades específicas do PLA de acordo com seus interesses e experiência. Por exemplo, o Dr. Francisco Queixalós, que era editor de *Amérindia* (uma publicação francesa de antropologia e lingüística), será o editor dos números especiais de lingüística do *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*.

A partir de 1997, antigos estagiários do Museu Goeldi começarão a retornar de universidades estrangeiras com seus doutorados completos. Ser-lhes-ão oferecidas bolsas do CNPq e, depois de um processo competitivo de seleção, espera-se que, devido ao seu treinamento mais avançado, a maior parte deles sejam empregados permanentemente pelo PLA. Após um período de tempo razoável, espera-se que o PLA venha a ter um bom número de excelentes lingüistas brasileiros com nível de doutorado. Nos últimos anos, os bolsistas de todos os níveis (graduação, pós-graduação e mestrado) realizaram contribuições indispensáveis para a Área de Lingüística em áreas como aperfeiçoamento e organização de arquivos de fitas e documentações, informatização da bibliografia, espectrografia de som, organização de eventos científicos e preparação de relatórios e propostas de projetos. Essas contribuições continuarão no PLA aqui proposto, mas uma equipe técnico-administrativa profissional especializada será necessária, dados o tamanho e a complexidade das atividades do PLA e a importância da continuidade.

11.2. Pessoal técnico e administrativo. Um certo número de funcionários administrativos e técnicos será necessário, sem incluir o administrador, o técnico e os trabalhadores de campo do projeto de documentação padronizada, nem tampouco o corpo docente do projeto de treinamento. Os funcionários necessários para o funcionamento geral do PLA serão:

Administrador. Tarefas administrativas cotidianas serão executadas por um administrador profissional experiente que tomará decisões em consulta com o diretor e com os pesquisadores que coordenarão outras atividades do PLA. O administrador tratará da burocracia essencial para as relações com agências governamentais, ajudará nas relações entre o PLA e a administração geral do Museu Goeldi e supervisionará o trabalho dos demais funcionários administrativos e técnicos.

Técnico de contabilidade e aquisição de material. Um especialista será empregado para ocupar-se da contabilidade, da aquisição de material e do planejamento financeiro.

Técnico de equipamentos. Um técnico com especialização em equipamentos eletrônicos, inclusive computadores, será responsável pelo armazenamento e pela manutenção do equipamento, bem como pela instrução de lingüistas, estudantes e indígenas no uso do equipamento e nos cuidados para a sua manutenção.

Secretários/Técnicos. Dois funcionários desempenharão tarefas de escritório tais como datilografia, fotocópia e arquivamento, bem como tarefas mais técnicas como entrada de dados e duplicação de fitas.

Encarregado de visitantes indígenas. Uma pessoa com considerável experiência no trato de indígenas será responsável por alojamento, alimentação, deslocamento e cuidados gerais para indígenas que vierem a Belém para trabalhos práticos. A mesma pessoa executará tarefas extraordinárias tais como idas à alfândega, aos correios ou a lojas.

Poderá ser possível para o PLA recrutar uma parte do pessoal administrativo e técnico mediante transferências horizontais de funcionários do governo, bolsas governamentais especiais ou contratação permanente como funcionários do governo. Entretanto, no início será mais sábio prever os salários necessários como despesas de projeto, o que garantirá ao PLA a possibilidade de empregar os trabalhadores necessários e permitirá a necessária flexibilidade para a escolha de funcionários competentes e eficientes.

11.3. Relações com outras instituições. As relações mais importantes do PLA serão com grupos e organizações indígenas. A demanda de serviços lingüísticos certamente superará as possibilidades do Projeto; não obstante, o PLA fará uma contribuição considerável, através do financiamento dos pesquisadores apropriados para trabalharem com grupos indígenas, do retorno de resultados para as comunidades, do patrocínio de atividades de assistência prática e do treinamento de falantes nativos. Acordos poderão ser procurados com organizações políticas indígenas como a COIAB e a União das Nações Indígenas (UNI).

O PLA manterá relações estreitas com a FUNAI, que está muito interessada em receber dados sobre línguas indígenas e em estimular a assistência prática e os esforços de documentação. O PLA investigará a possibilidade de um acordo sobre uma autorização institucional para o trabalho em áreas indígenas (ao invés de autorizações individuais para cada pesquisador).

Há um certo número de centros acadêmicos realizando pesquisas sobre línguas indígenas no Brasil: o Museu Nacional/Universidade Federal do Rio de Janeiro, a Universidade Federal de Brasília, a Universidade Estadual de Campinas, a Universidade Federal de Santa Catarina, a Universidade Federal de Goiás, a Universidade Federal de Pernambuco e a Universidade Federal do Pará. O PLA manterá intercâmbios ativos com esses programas, oferecendo-lhes o uso de seus recursos, trazendo falantes e pesquisadores visitantes a Belém, aceitando estudantes visitantes para cursos de pós-graduação no PLA e patrocinando eventos científicos. Dada a localização do Museu Goeldi, é natural que ele venha a servir como uma ligação brasileira com os centros lingüísticos dos países vizinhos, como o Centro Colombiano de Estudios en Lenguas Aborígenes na Colômbia e a Universidad Central de Venezuela.

12. CRONOGRAMAS

PESQUISA	DOCUMENTAÇÃO	ASSISTÊNCIA PRÁTICA	TREINAMENTO	EQUIPAMENTO E BIBLIOTECA	DIVULGAÇÃO	ADMINISTRAÇÃO
1994						
<p>Convite a pesquisadores visitantes.</p> <p>Continuação da pesquisa de lingüistas residentes sobre Tupi, Carib, Katukina, Gê, Arawak, Jaboti, etc.</p>		<p>Discussão com organizações e comunidades nativas sobre suas necessidades (pesquisadores, documentação e assistência prática).</p>	<p>Seleção de estudantes e 2 professores.</p> <p>Estabelecimento do programa de mestrado com bolsas de estudo.</p> <p>Estágio</p>	<p>Encomenda de equipamento prioritário e material de biblioteca.</p>	<p>Estimular contribuições de artigos para o <i>Boletim</i>.</p>	<p>Começar a seleção de pessoal técnico-administrativo.</p> <p>Preparar o espaço para ocupação.</p>
1995 — 1º ano do projeto						
<p>Orientação de pesquisadores estrangeiros, pondo-os em contato com estudantes e pesquisadores brasileiros e com comunidades indígenas.</p> <p>Pesquisas variadas realizadas por lingüistas residentes e visitantes.</p>	<p>Preparação do protocolo de elicitação para as gravações padronizadas. Viagens no exterior para consultas e aquisição de equipamento.</p> <p>Mini-curso dado por um consultor sobre tecnologia de áudio-vídeo.</p>	<p>Criação de ortografias e materiais de alfabetização.</p> <p>Treinamento de professores.</p> <p>Participação de indígenas no mini-curso sobre tecnologia de áudio-vídeo.</p>	<p>Orientação de dois novos professores.</p> <p>Aulas começam em março.</p> <p>Trabalho de campo de estudantes em julho e agosto.</p> <p>Estudo de línguas estrangeiras.</p> <p>Estágio.</p>	<p>Pôr em condições de funcionamento os recursos informáticos e áudio-vídeo.</p>	<p>Números lingüísticos do <i>Boletim</i>.</p> <p>Palestrantes.</p> <p>Comunicações em congressos e conferências.</p>	<p>Contratação do pessoal técnico-administrativo.</p> <p>Estabelecimento de acordos com FUNAI para autorizações e acesso para gravações de documentação.</p> <p>Administração de rotina.</p>
1996						
<p>Pesquisas variadas realizadas por lingüistas residentes e visitantes.</p>	<p>Visitas de lingüistas consultores.</p> <p>Gravações padronizadas.</p> <p>Projetos de campo de áudio-vídeo não-padronizados.</p> <p>Visitas a arquivos.</p>	<p>Criação de ortografias e materiais de alfabetização.</p> <p>Treinamento de professores.</p> <p>Autores nativos.</p> <p>Treinamento lingüístico para indígenas.</p>	<p>Trabalho de campo janeiro-fevereiro e julho-agosto.</p> <p>Estudos de curto prazo no exterior, inclusive Linguistic Institute. Produção de teses. Estudo de línguas estrangeiras. Estágio.</p>	<p>Aumentar equipamento e acervo da biblioteca.</p> <p>Operação dos recursos informáticos e de áudio-vídeo.</p>	<p>Números lingüísticos do <i>Boletim</i>.</p> <p>Palestrantes.</p> <p>Comunicações em congressos e conferências.</p> <p><i>Workshop</i>.</p>	<p>Contratação de trabalhadores para o projeto de documentação.</p> <p>Retorno de brasileiro com Ph.D.</p> <p>Administração de rotina.</p>
1997						
<p>Pesquisas variadas realizadas por lingüistas residentes e visitantes.</p>	<p>Visitas de lingüistas consultores.</p> <p>Gravações padronizadas.</p> <p>Projetos de campo de áudio-vídeo não-padronizados.</p> <p>Visitas a arquivos.</p>	<p>Criação de ortografias e materiais de alfabetização.</p> <p>Treinamento de professores.</p> <p>Autores nativos.</p>	<p>Fim do primeiro ciclo do programa de mestrado.</p> <p>Estudos de curto prazo no exterior.</p> <p>Estudo de línguas estrangeiras.</p> <p>Estágio.</p>	<p>Aumentar equipamento e acervo da biblioteca. Operação dos recursos informáticos e de áudio-vídeo.</p>	<p>Números lingüísticos do <i>Boletim</i>.</p> <p>Palestrantes.</p> <p>Comunicações em congressos e conferências.</p>	<p>Retorno de brasileiros com Ph.D.</p> <p>Administração de rotina.</p>

1998

Pesquisas variadas realizadas por lingüistas residentes e visitantes.	Possíveis projetos baseados em fitas padronizadas. Projetos de campo de áudio-vídeo não-padronizados. Visitas a arquivos.	Criação de ortografias e materiais de alfabetização. Treinamento de professores. Autores nativos. Treinamento lingüístico para indígenas. Assistência no estabelecimento de centros indígenas de documentação.	Estudos de curto prazo no exterior, inclusive Linguistic Institute. Estudo de línguas estrangeiras. Possível segundo ciclo do programa de mestrado. Estágio.	Aumentar acervo da biblioteca. Operação dos recursos informáticos e de áudio-vídeo.	Números lingüísticos do <i>Boletim</i> . Palestrantes. Comunicações em congressos e conferências. <i>Workshop</i> .	Administração de rotina.
---	---	--	--	---	---	--------------------------

1999

Pesquisas variadas realizadas por lingüistas residentes e visitantes.	Possíveis projetos baseados em fitas padronizadas. Projetos de campo de áudio-vídeo não-padronizados. Visitas a arquivos.	Criação de ortografias e materiais de alfabetização. Treinamento de professores. Autores nativos.	Estudos de curto prazo no exterior. Estudo de línguas estrangeiras. Possível segundo ciclo do programa de mestrado. Estagiário.	Aumentar acervo da biblioteca. Operação dos recursos informáticos e áudio-vídeo.	Números lingüísticos do <i>Boletim</i> . Palestrantes. Comunicações em congressos e conferências.	Administração de rotina. Retorno de brasileiros com Ph.D. Solicitações de recursos para a continuação do PLA.
---	---	---	---	--	---	---

13. ORÇAMENTO

Orçamento Geral:

COMPONENTE	1995	1996	1997	1998	1999	TOTAL
Administração	88.000	88.000	88.000	88.000	88.000	440.000
Treinamento	147.900	185.600	51.800	55.000	47.000	487.300
Pesquisa	47.800	54.400	69.400	73.000	73.000	317.600
Documentação	9.500	140.600	139.200	12.600	12.600	314.500
Assistência Prática	35.000	51.200	68.600	74.600	68.600	298.000
Recursos Físicos	138.600	46.680	35.880	31.800	28.200	281.160
Divulgação	28.600	81.600	38.200	80.200	38.200	266.800
Total Anual	495.400	648.080	491.080	415.200	355.600	2.405.360

Estimativas Detalhadas:

Administração

- Salários anuais: diretor (suplemento) 20.000, administrador 20.000, técnico de equipamentos 10.000, 2 secretários/técnicos 12.000, técnico de contabilidade e aquisição de material 10.000, encarregado de visitantes indígenas, 6.000. Custo total anual, 78.000. **Total: 390.000.**
- Custos operacionais administrativos: xerox, telefone, fax, equipamento de escritório, viagens administrativas, serviços variados. Custo total anual, 10.000. **Total: 50.000.**

Treinamento

- Salário e despesas de viagem para 2 docentes. Custo anual: 1995: 64.000; 1996: 64.000. **Total: 128.000**
- Pesquisa de campo de 15 estudantes de mestrado: viagem e diárias no campo. Custo anual: 1995: 27.000; 1996: 54.000. **Total: 81.000**
- Supervisão de campo: viagem e 2 semanas de diárias no campo. Custo anual: 1995: 9.000; 1996: 4.500; 1997: 4.500; 1998: 4.500; 1999: 4.500. **Total: 27.000**
- Estudo de curto prazo no exterior: viagem e 6 semanas de diárias. Custo anual: 1995: 4.000; 1996: 20.000; 1997: 16.000; 1998: 20.000; 1999: 12.000. **Total: 72.000**
- Bolsas para o estudo de línguas estrangeiras em Belém. Custo anual: 1995: 7.500; 1996: 7.500; 1997: 2.500; 1998: 2.500; 1999: 2.500. **Total: 22.500**
- Materiais, livros, xerox para 15 estudantes de mestrado. Custo anual: 6.000. **Total: 12.000**
- Viagens para recrutamento e obtenção de reconhecimento. Custo anual: 1995: 2.400; 1996: 1.600; 1997: 800. **Total: 4.800**
- Especialistas teóricos visitantes: viagem e diárias. Custo anual: 28.000. **Total: 140.000**

Pesquisa

1. Pesquisadores visitantes (ambos os tipos incluem viagem e diárias em Belém)
 - Pesquisadores sêniores. Custo anual: 7.000. **Total: 35.000**
 - Pesquisadores júniores: viagem e diárias no campo. Custo anual: 8.700. **Total: 43.500**
2. Pesquisadores do Museu Goeldi: viagem e diárias no campo.
 - Bolsistas. Custo anual: 1995: 7.200; 1996: 7.200; 1997: 18.000; 1998: 18.000; 1999: 14.400. **Total: 64.800**
 - Estudantes de pós-graduação retornando do exterior (inclui viagem internacional). Custo anual: 1995: 9.900; 1996: 16.500; 1997: 23.100; 1998: 23.100; 1999: 23.100. **Total: 95.700**
 - Estagiários. Custo anual: 5.400. **Total: 27.000**
 - Funcionários e corpo docente. Custo anual: 1995: 9.600; 1996: 9.600; 1997: 7.200; 1998: 10.800; 1999: 14.400. **Total: 39.600**

Documentação

- Gravação de 100 conjuntos de fitas de documentação padronizada (1 conjunto = 10 horas de material de uma língua ou dialeto) por ano: diárias, viagem, salário do trabalhador de campo, pagamento dos informantes, fitas DAT, fitas de vídeo, fitas acústicas. Custo anual: 90.000. **Total: 180.000**
- Salários: administrador: 16.000; técnico: 10.000. Custo anual: 26.000. **Total: 52.000**
- Consultas sobre equipamentos e protocolo: viagem internacional, diárias. Custo anual: 1995: 3.000. **Total: 3.000**
- Mini-curso do consultor de equipamentos em Belém: viagem internacional, diárias, pagamento. Custo anual: 1995: 3.500. **Total: 3.500**
- Visitas de consultores lingüísticos, um do Brasil e um do exterior: viagem e diárias. Custo anual: 1996: 3.800; 1997: 3.800. **Total: 7.600**
- Orientação dos trabalhadores de campo: viagem e diárias. Custo anual: 1995: 1.600; 1996: 2.400; 1997: 2.400. **Total: 6.400**
- Custos extraordinários (conserto de equipamentos, fax, telefone). Custo anual: 1996: 3.000; 1997: 3.000. **Total: 6.000**
- Documentação não-padronizada no campo: viagem e diárias no campo, fitas. Custo anual: 9.000. **Total: 36.000**
- Treinamento em documentação não-padronizada para indígenas no campo: viagem e despesas diárias no campo. Custo anual: 1.200. **Total: 14.400**
- Visitas a arquivos: viagem, diárias e xerox. Custo anual: 1995: 1.400; 1996: 2.800; 1997: 1.400. **Total: 5.600**

Assistência Prática

- Ortografias e materiais de alfabetização para 40 línguas; viagem de informante até Belém e diárias em Belém; custo dos materiais de alfabetização; viagem, diárias e material para treinar professores. Custo anual: 1995: 20.000; 1996: 20.000; 1997: 40.000; 1998: 40.000; 1999: 40.000. **Total: 160.000**
- Ortografias e materiais de alfabetização preparados por pesquisadores júniores visitantes (incluindo-se a viagem do pesquisador até Belém). Custo anual: 11.600. **Total: 58.000**
- Treinamento lingüístico para indígenas: 2 meses de diárias em Belém. Custo anual: 1996: 6.000; 1998: 6.000. **Total: 12.000**
- Autores nativos: viagem até Belém, 3 meses de diárias, custos de impressão. Custo anual: 1995: 3.400; 1996: 13.600; 1997: 17.000; 1998: 17.000; 1999: 12.000. **Total: 68.000**

Recursos Físicos

- Equipamento computacional: microcomputadores, impressoras, *scanners*, *software*, periféricos. Custo anual: 1995: 28.900; 1996: 12.300; 1997: 8.400; 1998: 5.000; 1999: 3.000. **Total: 57.600**
- Equipamento de áudio-vídeo: gravadores cassete, gravadores DAT, microfones, fones de ouvido, *tape decks*, câmeras de vídeo, painéis solares, equipamento de edição de vídeo, VCR, monitor, armários e caixas. Custo anual: 1995: 44.600; 1996: 6.100; 1997: 1.000; 1998: 1.000; 1999: 1.000. **Total: 52.700**
- Conjuntos de equipamento de campo: mochila, bússola, soro antiofídico, etc. Custo anual: 1995: 9.000. **Total: 9.000**
- Acervo da biblioteca: assinatura de publicações, livros, números atrasados. Custo anual: 1995: 28.000; 1996: 15.500; 1997: 15.500; 1998: 15.500; 1999: 15.500. **Total: 90.000**

Divulgação

- 2 números lingüísticos do *Boletim* por ano: impressão e despesas postais. Custo anual: 18.000. **Total: 90.000**
- *Workshops*: vôos domésticos, vôos internacionais e diárias. Custo anual: 1996: 42.000; 1998: 42.000. **Total: 84.000**

- Congressos científicos no Brasil: viagem e diárias. Custo anual: 1995: 3.500; 1996: 7.000; 1997: 5.600; 1998: 5.600; 1999: 5.600. **Total: 27.300**
- Congressos científicos no exterior: viagem e diárias. Custo anual: 1995: 5.000; 1996: 12.500; 1997: 12.500; 1998: 12.500; 1999: 12.500. **Total: 55.000**
- Conferencistas visitantes: viagem 500, diárias 200. Custo anual: 2.100. **Total: 10.500**

REFERÊNCIAS

- Basso, Ellen B. 1986. "Quoted dialogues in Kalapalo narrative discourse". *Native South American Discourse*, ed. por Joel Sherzer and Greg Urban. New York: Mouton de Gruyter.
- Balée, William. No prelo. *Footprints in the Forest*. New York: Columbia University Press.
- Balée, William e Denny Moore. 1991. "Similarity and variation in plant names in five Tupi-Guarani languages (Eastern Amazonia)". *Bulletin of the Florida Museum of Natural History and Biological Sciences* 35:209-62.
- Berlin, Brent. 1981. "The concept of rank in ethnobiological classification: some evidence from Agauruna Folk Classification". *Language, Culture, and Cognition: Anthropological Perspectives*, ed. por Ronald Casson, 92-113. New York: MacMillan.
- Berlin, Brent. 1992. *Ethnobiological Classification*. Princeton, New Jersey: Princeton University Press.
- Berlin, Brent, Dennis E. Breedlove e Peter H. Raven. 1966. "Folk taxonomies and biological classification". *Science* 154:273-5.
- Berlin, Brent, Dennis E. Breedlove e Peter H. Raven. 1974. *Principles of Tzeltal Plant Classification*. New York: Academic Press.
- Bernard, Russell. 1992. "Oaxaca project update", *The Linguist List* (computer network), mensagem no. 3.753. Enviada 7 out.
- Brandon, F. R. e Seki, Lucy. 1984. "Moving interrogatives without an initial WH node in Tupi". *Syntax and Semantics 16; The Syntax of Native American Languages*, 77-103. New York: Academic Press.
- Cooper, Robert L. 1989. *Language Planning and Social Change*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Derbyshire, Desmond C. 1977. "Word order universals and the existence of OVS languages". *Linguistic Inquiry* 8.590-99.
- Derbyshire, Desmond C. 1981. "A diachronic explanation for the origin of OVS in some Carib languages." *Journal of Linguistics* 17.209-20.
- Dorian, Nancy C. (ed.). 1992. *Investigating Obsolescence: Studies in Language Contraction and Death*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Emmerich, Charlotte. 1984. "Aspecto morfossintático na língua de contato do Alto Xingú". *Boletim da ABRALIN* 6:159-73.
- Everett, Daniel and Lucy Seki. 1985. "Reduplication and CV skeleta in Kamayurá". *Linguistic Inquiry* 16:326-30.
- Fishman, Joshua. 1992. *Reversing Language Shift: Theoretical and Empirical Foundations of Assistance to Threatened Languages*. Clevedon, U.K.: Multilingual Matters Ltd.
- Franchetto, Bruna. 1986. *Falar Kuikuro: Estudo Etnolinguístico de um Grupo Karibe do Alto Xingú*. Tese de Doutorado, Museu Nacional da UFRJ. Rio de Janeiro.
- Franchetto, Bruna. 1989. "Forma e significado na prática oral Kuikuru." *Amerindia* 14.
- Franchetto, Bruna. 1990. "Ergativity and nominativity in Kuikuro and other Carib languages". *Amazonian Linguistics: Studies in Lowland South American Languages*, ed. por D. Payne. Austin: University of Texas Press.
- Gildea, Spike. 1992a. *Comparative Cariban Morphosyntax: On the Genesis of Ergativity in Independent Clauses*. University of Oregon Ph.D. Dissertation.
- Gildea, Spike. 1992b. "On the genesis of a counter-universal pattern of split ergativity in the Cariban family". *The Proceedings of the Eastern States Conference on Linguistics*, Cornell: Cornell University Press.
- Graham, Laura. 1986. "Three modes of Shavante vocal expression: wailing, collective singing, and political oratory". *Native South American Discourse*, ed. por Sherzer e Urban. Berlin: Mouton de Gruyter.
- Graham, Laura. 1990. *The Always Living: Discourse and the Male Lifecycle of the Xavante Indians of Central Brazil*. Ph.D. dissertation, University of Texas, Austin.
- Greenberg, Joseph. 1960. "The general classification of Central and South American Indian languages." *Men and Cultures: Selected Papers of the 5th International Congress of Anthropological and Ethnological Sciences*, 1956, ed. por Anthony Wallace, 791-4. Philadelphia: Univ. of Pennsylvania Press.
- Greenberg, Joseph. 1987. *Language in the Americas*. Stanford: Stanford University Press
- Grenand, Françoise. 1989. *Dictionnaire Wayâpi-Français, Lexique Française-Wayâpi*. SELAF 274. Paris: Pecters/SELAF.

- Grenand, Pierre. 1980. *Introduction à l'Étude de l'Univers Wayãpi: Ethnoécologie des Indiens du Haut-Oyapock (Guyane française)*. Paris: SELAF
- Hale, Kenneth (ed.). 1992. "Endangered languages: On endangered languages and the safeguarding of diversity", *Language* 68:1-42.
- Kaufman, Terrance K. 1990. "Language classification in South America: what we know and how to know more". In *Amazonian Linguistics: Studies in Lowland South American Languages*, ed. por Doris L. Payne, 13-74. Austin: University of Texas Press.
- Key, Marie Ritchie. 1979. *The Grouping of South American Indian Languages*. Tübingen: Gunter Narr.
- Krause, Michael. 1992. "The world's languages in crisis", *Language* 68:4-10.
- Leite, Yonne e Marília Facó Soares. 1991. "Vowel shift in the Tupi-Guarani language family: A typological approach". *Language Change in South American Indian Languages*, ed. por Mary Ritchie Key, 36-53. Philadelphia: University Press.
- Linden, Eugene. 1991. "Lost tribes, lost knowledge". *Time Magazine*, September 23.
- Loukotka, Cestmír. 1968. *Classification of South American Indian Languages*. Los Angeles: Latin American Center, UCLA.
- McQuown, Norman A. 1955. "The indigenous languages of Latin America". *American Anthropologist* 57.3: 501-70.
- Meggers, B. J. 1975. "Application of the biological model of diversification to cultural distributions in tropical Lowland South America". *Biotropica* 7:141-61.
- Migliazza, Ernest C. 1982. "Linguistic prehistory and the refuge model in Amazonia". *Biological Diversification in the Tropics*, ed. por G. France, 497-519. New York: Columbia University Press.
- Migliazza, Ernest C. 1985. "Languages of the Orinoco-Amazon Region: current status". *South American Indian Languages: Retrospect and Prospect*, ed. por Harriet E. Manelis Klein and Louisa R. Stark, 286-303. Austin: University of Texas Press.
- Moore, Denny and Luciana R. Storto. No prelo (em espanhol). "Linguística indígena no Brasil", *América Indígena* (Mexico).
- Payne, Judith. 1990. "Asheninca Stress Patterns". *Amazonian Linguistics: Studies in Lowland South American Languages*, ed. por Doris L. Payne, 185-212. Austin: Univ. of Texas press.
- Pottier, Bernard. 1983. *América Latina en sus Lenguas Indígenas: Coordinación, Presentación, y Documentación*. Caracas: UNESCO / Monte Avila Editores, C.A.
- Renault-Lescure, Odile. *Evolution Lexicale du Galibi, Langue Caribe de Guyane Française*. Paris: ORSTOM.
- Rodrigues, Aryon D. 1984. "Contribuição das línguas indígenas brasileiras para a fonética e fonologia". *Language in the Americas*, ed. por D. F. Salá, 263-7. Ithaca.
- Rodrigues, Aryon D. 1984/5. "Relações internas na família linguística Tupi-Guarani". *Revista de Antropologia* 27/28:33-53. São Paulo.
- Rodrigues, Aryon D. 1985a. "Evidence for Tupi-Carib relationships." *South American Indian Languages: Retrospect and Prospect*, ed. por Harriet E. Manelis Klein and Louisa R. Stark, 371-404. Austin: University of Texas Press.
- Rodrigues, Aryon D. 1985b. "The present state of the study of Brazilian Indian languages". *South American Indian Languages: Retrospect and Prospect*, ed. por Harriet E. Manelis Klein and Louisa R. Stark, 405-442. Austin: University of Texas Press.
- Rodrigues, Aryon D. 1986. *Línguas Brasileiras: para o Conhecimento das Línguas Indígenas*. São Paulo: Edições Loyola
- Seki, Lucy. 1984. "Problema no estudo de uma língua em extinção". *Boletim da ABRALIN* 6:109-15.
- Seki, Lucy. 1990. "Kamaiurá (Tupi-Guarani) as an active-stative language". *Amazonian Linguistics: Studies in Lowland South American Languages*, ed. por Doris Payne, 367-91. Austin: University of Texas Press.
- Soares, Marília Facó. 1990. "Marcação de caso e atribuição de caso em Tikuna". *Cadernos de Estudos Linguísticos* 11. Campinas: UNICAMP / IEL.
- Tovar, Antonio and Consuelo Larrucea Tovar. 1984. *Catálogo de las Lenguas de América del Sur*. Nueva edición. Madrid: Gredos.
- Urban, Greg. 1986a. "Ceremonial dialogue in South America". *American Anthropologist* 88:371-86.
- Urban, Greg. 1986b. "Semiotic functions of macro-parallelism in the Shokleng origin myth". *Native South American Discourse*, ed. por Sherzer and Urban, Berlin: Mouton de Gruyter.
- Voegelin, C.F. and F.M. Voegelin. 1977. *Classification and Index of the World's Languages*. New York: Elsevier.
- Wilford, John Noble. 1991. "In a publishing coup, books in 'unwritten languages'". *Science Times, The New York Times*, December 31, C1, C7.
- Zuñiga, Madeleine, Juan Ansion, and Luis Cueva. 1987. *Educación en Poblaciones Indígenas: Políticas y Estrategias en América Latina*. Santiago de Chile: UNESCO / OREALC.

PROJETO LÍNGUAS AMAZÔNICAS

AMAZONIAN LANGUAGE PROJECT

MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI
Belém, Brasil

PROJECT SUMMARY

Most of the indigenous peoples of Amazonia are in danger of losing their traditional ways of life, their traditional cultures, and their native languages — thus much of their knowledge, built up over countless generations, is being lost as well. Language is at the core of culture, and the most successful attempts to preserve culture begin with language preservation in the form of literacy training and bilingual education. Basic linguistic description of a language (sound system, grammar) is a necessary prerequisite to the creation of literacy materials, but the Brazilian linguistics community does not have the capacity at present to meet the great needs of indigenous communities. We propose a five-year project to establish a permanent Projeto Línguas Amazônicas at the Museu Paraense Emílio Goeldi in Belém, Brazil. The Projeto Línguas Amazônicas will conduct research on Amazonian languages, offer Brazilian linguists at other institutions support to do research under the auspices of the Project, sponsor and participate in scientific events, train more Brazilian linguists, serve as a liaison between indigenous communities looking for linguists and linguists looking for languages to study, record audio-video documentation of every indigenous language in Brazil, encourage and financially support practical applications of linguistic research in indigenous communities, and offer training to members of indigenous communities in linguistics, audio-video documentation, and bilingual education.

TABLE OF CONTENTS

PART I: THE NEED FOR THE PROJETO LÍNGUAS AMAZÔNICAS

1.	LANGUAGE AND CULTURAL ENDANGERMENT IN AMAZONIA	1
2.	THE IMPORTANCE OF LINGUISTIC WORK IN THE AMAZON.....	1
	2.1 Scientific Importance	1
	2.2 Cultural Importance	2
3.	A STRATEGY TO DEVELOP THE STUDY OF AMAZONIAN LANGUAGES	3
	3.1 Factors Which Impede Research on Brazilian Languages.....	3
	3.2 The Projeto Línguas Amazônicas as a Way to Achieve Progress	4
4.	GOALS OF THE PROJETO LÍNGUAS AMAZÔNICAS	5
	4.1 General Goals.....	5
	4.2 The Overall Strategy	5
	4.3 Specific Goals	6

PART II: ACTIVITIES OF THE PROPOSED PROJECT

5.	RESEARCH.....	6
	5.1 Types of Research.....	6
	5.2 Researchers to be Supported.....	7
6.	DOCUMENTATION	8
	6.1 Standardized Documentation Tapes.....	8
	6.2 Nonstandardized Documentation Taping in the Field	9
	6.3 Documents Archive	9
7.	PRACTICAL ASSISTANCE TO INDIGENOUS COMMUNITIES.....	9
	7.1 Minimum Services.....	9
	7.2 Potential Further Projects to be Supported	9
	7.3 Training.....	10
8.	TRAINING OF BRAZILIAN LINGUISTS.....	11
	8.1 Selection of Students and Teaching Staff.....	11
	8.2 Content and Accreditation	11
	8.3 Additional Training Outside the M.A. Program	12
9.	DISSEMINATION OF RESEARCH AND DOCUMENTATION.....	12
10.	PHYSICAL RESOURCES: SCIENTIFIC EQUIPMENT AND LIBRARY.....	13
	10.1 Microcomputer and Audio-Video Recording Equipment.....	13
	10.2 Field Equipment.....	

... only by giving the young the feeling that their culture is worthwhile will they keep it. Writing books in their native language has that effect. There is great power in the physical presence of a book. To see one's language written and bound between covers, just like books in English and Spanish and French, produces more support for the value of that language than anything else can do. The production and sale of books in native languages gives those languages public legitimacy and reinforces cultural identity. Cultural identity is a source of economic and political power.

Under Article 231, the Brazilian Constitution guarantees the native population the land and other necessary conditions to maintain their traditional way of life. This is generally interpreted as implying assistance in maintaining their distinctive cultures, languages, and ecological adaptations. The prime characteristics which distinguish indigenous people from Brazilian nationals are culture and language — once language (and culture) loss is well underway, communities have found it even more difficult to obtain such assistance: the traditional way of life is already virtually gone.

As the need for basic linguistic description becomes more widely recognized, the demand for linguists is increasing. The strongest demand for linguistic research and documentation comes from the indigenous communities themselves. Many individual communities are requesting the presence of professional linguists, specifically to create a writing system for their language, and subsequently to document traditional lore. Recently, the Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (Coordination of Indigenous Organizations of the Brazilian Amazon — COIAB) informally requested technical assistance from the Linguistics Division at the Museu Goeldi to help train 300 indigenous bilingual education teachers and establish an electronic documentation program for indigenous languages and cultures. Governmental and non-governmental organizations (NGOs) in Brazil are also eager to have the assistance of linguists working with indigenous languages: the Ministério de Educação e Cultura (Ministry of Education and Culture); officials at the national, regional, and local levels of the Fundação Nacional do Índio (FUNAI — National Foundation of the Indian — the Indian Agency of the Brazilian government); and the Secretários de Educação (Secretaries of Education) and Secretários da Ciência e Tecnologia (Secretaries of Science and Technology) of various Brazilian states all actively seek cooperation from linguists. NGOs which have requested professional services from Museu Goeldi linguists include the Instituto Antropológico do Meio Ambiente (the Anthropological Institute of the Environment), the Fundação Mata Virgem (Foundation of the Virgin Forest), and the activist Catholic organization Conselho Missionário Indigenista (Indigenous Missionary Council). A worldwide group of experts from the *Conseil international de la philosophie et des sciences humaines* recently recommended that the General Conference of UNESCO adopt a resolution calling for programs to describe and record languages in danger of extinction; the PLA could serve as a pilot project to try to establish a model for such programs in other parts of the world. UNESCO has already demonstrated interest in the situation of indigenous languages in South America by supporting publication of, e.g., Pottier 1983, Zuñiga *et al* 1987.

In sum, the demand for linguistic work in the Amazon goes far beyond the scientific community — linguistic work is at the core of any attempt to preserve indigenous cultures and languages.

3. A STRATEGY TO DEVELOP THE STUDY OF AMAZONIAN LANGUAGES

Given the universal agreement as to the urgent necessity for scientific and practical work on indigenous languages of Brazil, why has there not been greater progress in this field? Due to both historical and current problems, the relatively small community of Brazilian linguists with the necessary training is simply unable to meet the demand. The PLA will provide a critical first step to overcoming this problem.

3.1 Factors Which Impede Research on Brazilian Indigenous Languages. First, there is a great shortage of qualified personnel: there are only 12 Brazilian linguists at the Ph.D. level who work with indigenous languages, and not all of these are active researchers. There are only about a dozen foreign non-missionary researchers who do fieldwork with indigenous languages of Brazil, and only six of these live in Brazil, contributing to the development of Brazilian institutions and linguists — the other half currently live abroad and only visit occasionally. Almost no graduate students from abroad conduct research on indigenous languages of Brazil, partly because of the language barrier (few speak Portuguese), partly because of the bureaucratic hurdles (permission to conduct research in indigenous areas of Brazil requires applications to two separate government organizations, with an average wait time of 3-6 months for approval), and partly from lack of information about research opportunities.

Second, many Brazilian field linguists find themselves in an environment which does not encourage their research. Most Brazilian indigenous linguistics programs are located academically within departments of Letters and Linguistics, which do not always esteem the theory and methodology necessary for description, often lack such basic courses as phonetics, and which hence tend to marginalize the study of indigenous languages. Many of the 45 or so M.A. level Brazilian linguists who work or have worked with indigenous languages work at institutions where there is little interest in indigenous languages and no administrative support for the continuation of such work. Thus, professors and students often have neither the resources to conduct their research, nor incentive to publish finished work. Lack of contact with other linguists working on indigenous languages — or with the theoretical issues arising from such study — diminishes motivation for further research and publication.

Third, there is a shortage of resources: very little international funding has been available for linguistic research and documentation. Brazilian government funding is extremely limited and unpredictable — it recently stopped altogether for 2 years during the Collor presidency.

Fourth, equipment and library resources are scarce: in recent years, profound advances have been made in audio, video, and computer equipment; but these tools, though relatively inexpensive, are still frequently unavailable in Brazil, and when available, are still priced beyond the means of most linguistics organizations. Further, technical libraries in Brazil are not able to keep abreast of publications even in theoretical linguistics, much less in the applied linguistics resources necessary to train students for the practical work needed in Brazil. Until this need is met, the scientific level of linguistics in Brazil cannot be significantly increased.

Fifth, there is no organized documentation program to collect what work has been done so far, and to serve as a repository for further work. Electronic documentation is sporadic, and seldom uses the best available technology.

It is important to note that these same problems also impede practical assistance programs for indigenous languages: in the absence of well-trained, active field linguists, we find a corresponding absence of qualified linguists to devise orthographies and written materials for indigenous communities; the absence of recording equipment and computers undermines not only basic research, but also the electronic documentation programs and desktop publishing of traditional texts requested by indigenous communities.

3.2 The Projeto Línguas Amazônicas as a Way to Achieve Progress. The Projeto Línguas Amazônicas is planned specifically to overcome the negative factors listed above. First, we will increase the number of highly qualified researchers in the long run by training more Brazilian linguists. We will help overcome the immediate shortage by attracting researchers from abroad who agree to assist in developing the study of indigenous languages by Brazilians. Second, we will facilitate research in the Brazilian linguistics community by inviting researchers at both a senior and junior level to visit, supplying them with access to opportunities and facilities they may lack at their home institutions. We will offer scientific stimulus and interchange by facilitating the constant presence of visiting researchers, and through sponsoring scientific events such as linguistic workshops. To increase publication opportunities, we will also begin to edit and publish special issues of the *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*, devoted to indigenous languages. Third, we will be funded by both international as well as national sources for a five-year program so as to have the stable resources necessary to plan rationally for further development. Fourth, we will have equipment and library resources at the PLA which will be available to all researchers on indigenous languages, including indigenous people themselves. Fifth, we will organize a large-scale program of audio and video documentation. The resulting archive of documentary recordings will be stored at the Museu Goeldi and made available to other institutions and indigenous groups. In addition, we will open our facilities and technical assistance to other institutions and to indigenous organizations who wish to do similar documentation.

The Área de Linguística at the Museu Goeldi is the ideal site for the Projeto Línguas Amazônicas. Historically, the study of indigenous languages in Brazil has developed best in museums (such as the Museu Nacional in Rio de Janeiro). Located in Belém (a city of more than one million at the mouth of the Amazon), the Museu Goeldi is a research institute of the Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq — National Council for Scientific and Technological Development, a Brazilian government organization); the Museu Goeldi is one of two institutions in Amazonia chosen for the program “Centros de Excelência”, designed to increase research capacity during the next three years. The mission of the Museu Goeldi is to study Amazonia; it has large programs in Anthropology and Archaeology, and also departments of Zoology, Botany, and Ecology (a fact which facilitates interdisciplinary studies). The Museu Goeldi already houses extensive scientific collections in anthropology and archaeology (contributed by Nimuendaju, Meggers and Evans, Roosevelt, and other notable

Amazon researchers), and has the computing facilities (i.e. a mainframe with e-mail) to support an international program. In addition, the Museu Goeldi publishes a journal, the *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*, which has a history of, among other topics, linguistic description.

The linguistics program at the Museu Goeldi enjoys excellent relations with indigenous organizations, FUNAI, CNPq, and other federal and state government agencies. There is room for expansion in permanent staff, offering a permanent administrative structure to house the PLA. Once the critical mass of researchers and staff is in place, the PLA gains the benefit of scholastic interchange and encouragement, and also economy of scale — less equipment can service more linguists and it becomes possible to administer larger projects requiring central coordination (like the documentation project described in section 6). With its exclusive dedication to Amazonian indigenous languages, the PLA will become a resource for the world linguistic community, a place to go for information about or research contacts with indigenous languages of Brazil.

Although relatively young, the linguistics program at the Museu Goeldi has already distinguished itself as a place to receive high-quality hands-on (but non-degree) linguistics training. In addition, the linguistics program has sponsored a number of formal intensive courses in linguistics, including the first *Curso Intensivo em Linguística Indígena* in 1988, and recent courses by Dr. Michel Launey of Université de Paris VII/CNRS (France), Dr. Francisco Queixalós of CNRS/ORSTOM (France), and Dr. Spike Gildea of Rice University (USA). Nine Museu Goeldi trainees (most of whom are natives of the Amazon region) have already entered graduate schools in linguistics, four of them in foreign countries. More are preparing to attend: six Museu Goeldi trainees are attending the Linguistic Society of America's Linguistic Institute at Ohio State University (July-August of 1993) and all six are projected to be in graduate school in foreign countries by the fall of 1994 (two already attend U.S. graduate schools). This stream of fine young professionals guarantees the future of the Linguistics program, assuring a highly competent staff as they return with advanced degrees and connections to the world's best centers of linguistic research. Largely due to these trainees, twelve Amazonian languages are being studied through Museu Goeldi projects at present, and three new projects (involving two new trainees) will begin studying four more languages by the end of 1993. Projects of institutional development are also underway, including equipment and library acquisitions, an audio recording archive, a documents archive, and a computerized bibliography of work on Amazonian languages.

The linguists planning the PLA are all active researchers of Amazonian languages involved in projects of the Museu Goeldi: Sidney Facundes, B.A., Universidade Federal do Pará (UFPA), M.A. student, University of Oregon; Marília Ferreira, B.A., UFPA, M.A. student, Universidade Federal de Brasília; Nilson Gabas Jr., M.A. with honors, Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), doctoral student, University of California, Santa Barbara; Spike Gildea, Ph.D., University of Oregon, Visiting Researcher from Rice University (supported by the U.S. National Science Foundation); Raquel Guirardello, MA with honors, UNICAMP, research fellow; Denny Moore, Ph.D., City University of New York, employee and coordinator of the Linguistics Division for the last five years; Nádia Pires, MA with honors, UNICAMP, research fellow; Francisco Queixalós, Ph.D., Université Paris IV, Visiting Researcher from CNRS/ORSTOM, and one of the founders of the Centro Colombiano de Estudios en Lenguas Aborígenes in Bogotá, Colombia (which is similar in many ways to what we propose here); Carmen Rodrigues, D.E.A. Université de Paris VII, doctoral student, Université de Paris VII; and Luciana Storto, B.A., UNICAMP, M.A. student, Pennsylvania State University.

In sum, the proposed PLA is essentially an expansion of an already successful program, based on a core of researchers of proven competence and experience.

4 GOALS OF THE PROJECT

4.1 General Goals. Given the precarious situation of the largely unstudied Amazonian languages and the demands being made by indigenous communities, our primary goals are: (1) to increase the quality and quantity of linguistic research in Brazilian Amazonia, both to serve as a basis for long term practical assistance to indigenous communities and to increase scientific knowledge of Amazonian indigenous languages and their relation to culture, environment, and prehistory; and (2) to offer immediate practical support to indigenous communities in their battle to preserve their native languages and cultures, both by offering practical services directly to communities and by offering training to selected members of communities so that they can also have the tools to help themselves.

4.2 Overall Strategy. Our general goals will be achieved by developing a lasting center of excellence for linguistic research on indigenous languages of Brazil. This implies the need to develop permanent staff, internal infrastructure, and research capacity which will continue after the conclusion of the 5 year project period. The key to this effort will be training carefully selected Brazilian linguistics students in field research methods, then making it possible for them to continue their education to the Ph.D. level (a process already well under way at the Museu Goeldi). These students will guarantee a permanent staff of high quality linguists (i.e. long-term stability), but they will not be able to meet all the research needs of the PLA in the short and mid-term — hence, we propose to hire temporary and mid-term personnel for immediate teaching needs. To help cover both immediate and longer term research needs, we propose to create a mutually beneficial scientific interchange: the PLA would essentially act as a liaison between indigenous communities and interested researchers from both the Brazilian scientific community and from foreign institutions. In exchange for our introduction to a community and help in negotiating the government research permission process (e.g., for all researchers, obtaining permission to enter into indigenous areas; for foreign researchers, long-term visas and permission to conduct a research project in Brazil), the PLA would require researchers to commit some of their own resources and time to (1) practical help for the community they work with, and (2) practical help in further developing the PLA (e.g. mini-courses, colloquia, and consultations on areas of specialty in analysis).

4.3 Specific Goals

Linguistic Research

The PLA will focus on basic descriptions of as many as possible of the most threatened languages from various genetic groups and geographical regions of Amazonia (and other parts of Brazil), with the expectations that researchers will publish descriptions and other works. As a preliminary estimate, including those done by students, staff, trainees, fellowship holders, and visiting researchers, we expect to facilitate research eventually leading to full or partial descriptions of up to 50 indigenous languages during the five-year project period. These new descriptions should stimulate further comparative work, leading to better classifications and reconstructions of various language families, and ultimately to work on the relation between language and prehistory, especially of prehistoric environment and cultures. In addition to such inter-disciplinary research, we expect our linguists to relate the data from the languages they describe to problems of linguistic theory, especially the testing of proposed universals of human language.

Documentation

The PLA will carry out an active, organized audio and video archival documentation program, in which recordings of the same extensive word list and basic grammatical questionnaire, plus spontaneous text and information about the speakers and their culture would be made for every language found in Brazil. Beyond the standardized recordings, we will provide support for and archive other (nonstandard) recordings of traditional cultural and linguistic material in individual communities, made by either linguists or indigenous peoples (cf. practical training). Finally, the PLA will create an archive of documents on Brazilian indigenous languages.

Practical Projects with Indigenous Communities

The PLA will encourage collaboration with indigenous communities to provide whatever linguistic services are requested. Based on current requests, we estimate development of workable orthographies, literacy materials, and cultural preservation materials for 35-40 languages. We would like to focus on helping communities find their own voices by encouraging native authorship on the computer, training indigenous people to use audio and video equipment so that they can create their own (nonstandard) documentary materials, and helping train indigenous linguists and bilingual schoolteachers.

Training and Scientific Interchange

The PLA will be in a unique position to combine training with scientific interchange — first, the PLA will offer a two-year master degree program with strong field research and publication components. Visiting researchers — both Brazilian and foreign — will participate, giving lectures and consultations; the resources of the PLA (technical equipment and archives) should continue to attract new visiting researchers, who will further add to the possibilities of interchange. Through the visitors, we will establish stronger, mutually beneficial connections to other institutions. To this inherent mix we will add special events, such as special workshops for students and working conferences for more established linguists. To disseminate results of this interchange more readily, we will fund the publication of two special linguistics issues per year of the *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*.

PART II ACTIVITIES OF THE PROPOSED PROJECT

5. RESEARCH

There are many different types of research to be conducted on indigenous languages of Amazonia — the PLA will encourage a variety of research activities, by researchers from varied backgrounds and with varied theoretical perspectives, on a selection of languages representing diverse regions and genetic groupings.

5.1 Types of Research. The most fundamental necessity concerns description and basic analysis: phonology, morphology, syntax, dictionaries, and collections of texts. As more of this work is carried out, more proto-languages will be reconstructed, making comparative research within larger linguistic stocks increasingly possible. This, in turn, will facilitate interdisciplinary research about Amazonian prehistory. It will also become increasingly possible to determine areal and typological characteristics of Amazonian languages; the relationships of language to culture, subsistence technologies, and the environment in Amazonia, and the use of language in the social life of relatively unacculturated peoples.

The PLA will emphasize linguistic fieldwork in indigenous communities, partly because these languages are primarily spoken only in the communities, and partly because truly understanding how a language is used requires that it be studied within the cultural context where it is used. For practical work which draws on already completed field research, it may be useful at times to bring a carefully selected member of the community to the city for collaboration, as long as this is convenient for the individual and for his community.

5.2 Researchers to be Supported. Priority will be given to developing the Brazilian research capacity through training more linguists and through supporting those linguists who are already studying indigenous languages. This support will consist of financial assistance for research, use of equipment and library, consultations with other linguists, and access to tape and document archives.

Research by Visiting Brazilian Linguists

A program will be established to support visits of up to three months to the PLA by Brazilian linguists who work at other institutions. Visitors will describe a research project in a brief proposal, which will be judged competitively. Senior linguists would have the option to not conduct field research, but instead carry out other research activities, contributing their valuable knowledge and experience to other linguists, and also assisting in training. Visiting junior linguists will normally conduct field research for two months, with two weeks of consultations at the PLA before leaving for the field and another two weeks upon returning, to discuss the results obtained.

Brazilian Fellowship Holders in the Museu Goeldi

Much research (and also administration) in the Museu Goeldi has traditionally been done by personnel holding various types of government fellowships — this fruitful tradition will be expanded in the PLA. Linguists with a Master's degree are eligible for a two-year Regional Scientific Development fellowship, a period often used to collect data for the doctoral thesis while contributing to the general functioning of the Linguistics program. Beginning in 1997, linguists receiving Master's degrees from the PLA's own program will be eligible for these fellowships as well. The Museu's informal trainee program (*Estágio em Linguística Indígena*) for exceptional undergraduates and recent graduates will continue to be supported by small student fellowships. These trainees will average one two-month field visit per year.

Brazilian Graduate Students in Linguistics

The 15 students in the PLA M.A. program will make a major research contribution, each on the average visiting the field three times for two months each visit, then between visits analyzing the data obtained. It is also essential to support field research by Brazilian linguists already in graduate schools abroad so that they can gather data each year for their doctoral dissertations. Otherwise they are often forced to abandon indigenous linguistics and write on a topic in Portuguese. Annual visits of two months in the field will probably be sufficient to obtain the necessary data.

Linguists Employed by the Museu Goeldi

Linguists on the staff of the PLA can be expected to visit the field, on the average, twice per year for two months each visit, somewhat less for those with teaching duties. The number of linguists employed will increase steadily as more Brazilian students earn the doctorate and return.

Visiting Foreign Linguists

To increase the volume of research on Amazonian languages, help develop Brazilian linguistic research capacity, and increase the number of linguists available for practical assistance to indigenous communities, foreign researchers will be invited to conduct studies under the auspices of the PLA. This is attractive to linguists abroad because the PLA can provide (1) information on the location of indigenous communities, means of access, and cost estimates; (2) help getting necessary authorizations and research permits; (3) infrastructural support in terms of access to library and documentation materials and to computer and e-mail facilities; and (4) guidance to handling field conditions in Amazonia. Information about this opportunity will be spread through professional journals and newsletters, computer networks, and personal contacts.

In return, each visiting foreign researcher will be expected to assist Brazilian linguists through consultations and exchange of information and technical knowledge. They will also be expected to contribute through practical assistance to the indigenous communities in which they work. These visitors, both established professionals and doctoral students, will need to obtain their own research funding, though the PLA will provide financial assistance for practical projects, seek out Brazilian students suitable for collaborative projects, and give general infrastructural support. These foreign researchers will eventually constitute an international network for scientific exchange and support for Brazilian linguists and for indigenous people. This will also facilitate graduate training abroad for Brazilian students.

6. DOCUMENTATION

In recent years, flawless sound recording has become possible through digital audio technology (DAT) and high-resolution low-light images with high fidelity stereo sound have become possible through Hi-8 video — all at low cost with high portability. The PLA will conduct a large scale organized program for audio and video documentation of Brazilian indigenous languages, with the goal of making audio and video tapes of all of the 170 indigenous languages of Brazil, plus about 30 major dialects of those languages. Approximately ten hours of DAT audio tapes, following a standardized format, will be made of each language/dialect. Two hours of this material will also be videotaped.

Other, nonstandardized, audio-video documentation of language and traditional culture will be done in the field. One of the goals of the project is to provide training and experience in electronic documentation to members of indigenous communities, who are eager to use this technology to help preserve their own languages and cultures. When enough people have been trained, the linguists and technicians involved in the documentation program will offer technical assistance to establish centers in which indigenous people can carry out their own electronic documentation.

One other aim of the project is the collection of documents about Brazilian indigenous languages to form a document archive.

6.1 Standardized Documentation Tapes. Standardized documentation tapes will make it possible, for the first time, to have at least the basis for an overall picture of the degree of relatedness between languages and dialects, some preliminary idea of their sound systems and some grammatical features, and information about their speakers. For most of the languages/dialects these tapes will be the only high quality recordings which will ever be made of them. The tapes are more useful than wordlists since transcription can be rechecked and sounds submitted to instrumental analysis. Standardized format greatly increases comparability. The tapes will be especially useful for specialists working on languages/dialects of the same family and for linguists wishing preliminary information to facilitate fieldwork.

The ten hours of recording from each of the 200 target languages/dialects will follow a standardized protocol and include a sizable list of vocabulary (cf. Berlin and Kaufman's SAILDP list of 700 words), a set of grammatical constructions to be translated into the indigenous language, some spontaneous texts with Portuguese translations, and questions about census information, history, culture, and traditional knowledge. This protocol will be established before the end of 1995, through consultation with linguists, anthropologists, botanists, and zoologists. One trip abroad in 1995 will permit final consultations on the linguistic content of the protocol and on how to maximize the phonetic usefulness of the recordings, as well as permit equipment selection and purchase. To guarantee the highest possible scientific quality and usefulness, two eminent linguists, Dr. Ken Hale from M.I.T., and Dr. Aryon Rodrigues from Universidade Federal de Brasília, will visit as consultants twice (their schedules permitting) during the two year standardized taping project, once after the first tapes are made and once again after one year.

An audio-video specialist will visit in late 1995 and give classes in the use and care of the equipment. The classes will be important to spread the knowledge of modern audio-video technology to those working in the Amazon. Linguists and technicians at the Museu Goeldi (including Master's students), linguists from other institutions, the fieldworkers who will record

the standardized tapes, and selected members of indigenous communities and organizations will attend the classes.

In spite of its large scope, two key facts make the standardized recording project feasible: first, although the elicitation protocol must be designed with great care and expertise, the actual recording of tapes is a fairly routine matter which can be learned and carried out by workers with little linguistic training; second, 90% of the 200 languages/dialects can be recorded in regional centers of FUNAI, where indigenous people come to make purchases, receive medical attention, and deal with administrative matters. (That is, it is not necessary to visit 200 separate villages.) The other 10% can be located as information accumulates and visited as is convenient.

Fieldworkers will be paid by the number of sets of tapes produced (one set per language/dialect) so as to encourage productivity and coverage of the maximum number of languages. Quality can be easily controlled by spot checking the tapes themselves. Fieldworkers will be recruited from a number of institutions so as to take advantage of regional familiarity and broaden the number of institutions involved in the project. On the basis of past experience, we estimate that three days will be required to record ten hours of documentation tapes, with an average of two additional days per language of travel/scouting time. With a rotation of two fieldworkers in operation continually, it should be possible to record a total of about 100 languages/dialects per year — 200 in two years.

In the Museu Goeldi, an administrator and a technician will be responsible for paperwork, cataloguing and duplicating tapes, training new fieldworkers, and, along with the director of the PLA and the consultants, coordinating the schedule of recording visits and the relations with the other institutions involved. Duplicates of the DAT tapes and the video tapes will be made and kept in a separate location. Copies on ordinary stereo cassettes will be made for use by researchers or by indigenous people, who are greatly interested in recordings of their own and other indigenous languages. The future transcription and study of the tapes is not included in the current project. That will be the subject of subsequent projects, organized by linguists in Brazil or by members of indigenous communities. Researchers receiving tape copies will be asked to contribute copies of their transcriptions to the Museu Goeldi; with outside cooperation, the work of transcribing can proceed cumulatively.

6.2 Nonstandardized Documentation Taping in the Field. More intensive electronic documentation of language and traditional culture will be carried out in the field. This will be especially useful for languages in grave danger of extinction, to record language use in natural context, and to record traditional linguistic and cultural material which indigenous communities wish to preserve. For example, one community of Apurinã Indians still tell their origin myth in its original form (a process which takes three nights); audio or video recording of this myth would be of great interest to other Apurinã communities who no longer remember this central piece of their traditional culture.

The PLA will sponsor approximately five linguists in one-month field projects per year for four years, hoping to train new indigenous people in at least three of the projects per year so as to offer more individuals experience in this sort of activity.

6.3 Documents Archive. Another type of documentation project will be the creation of an archive for written documents about indigenous languages of Brazil. The Museu Goeldi already has begun a computerized compilation of all bibliographical references to South American indigenous languages. This will be expanded and will include a register of documents' locations with an eye to their eventual acquisition. PLA researchers will visit document archives in Rio de Janeiro, Brasília, São Paulo, and Manaus where they will find and copy documents of interest.

7. PRACTICAL ASSISTANCE TO INDIGENOUS COMMUNITIES

It should be clear throughout this proposal that collaboration with indigenous communities is of crucial importance to the PLA. Given the current paucity of trained linguists in Brazil, simply recruiting researchers for individual communities is already providing a needed service. However, too often in the past, linguists have simply arrived, collected data for a period of time, then gone away, never to be seen or heard from again. Indigenous people have repeatedly complained about this behavior, and have sometimes developed negative attitudes towards all scientists. To combat this tendency, we will ask that all researchers who are affiliated with or who receive assistance from the PLA agree to participate in practical assistance programs for the communities they work with, and we will facilitate this work with financial and technical support.

7.1 Minimal Services to be Guaranteed for All PLA Projects. First, we will ask that all analytical results be returned to speakers of the languages — at a minimum, copies of all publications should be sent to the communities, and Portuguese language versions of

grammatical analyses should be made available as soon as this is feasible. Second, if requested by the community, we expect linguists affiliated with the PLA to propose an orthography for languages they work with. Beyond these simple requirements, we propose a more flexible policy, designed with the realization that every community and its needs will be unique, and that different needs must be met in different ways.

7.2 Potential Additional Projects to be Supported. Where possible, we will strongly encourage linguists affiliated with PLA to collaborate with individual speakers of the languages they study in creating literacy materials, in training bilingual schoolteachers, and in native-language authorship on the computer. The PLA will offer four types of concrete support for these practical projects. First, the technical equipment will be available to assist in linguistic analysis and archival documentation: cassette recorders, video cameras, phonetics equipment in the language laboratory, and computer programs which aid in the process of analysis. Second, a pool of expert advice will be available, both from the expanding group of resident linguists who are experienced in the process of developing orthographies and literacy materials in indigenous communities, and from the literature which will be housed in the expanded library holdings. Third, necessary equipment will be available, including computers, a laser printer, and technical support in their use, so that newly developed literacy materials can have a high quality appearance at relatively low cost. Finally, financial support will be available for the necessary collaboration between linguists and members of the community in the activities of producing literacy materials, training indigenous teachers in the villages, and training indigenous authors to operate the necessary equipment. Financial support for such practical projects will be available to any linguist working through the PLA, regardless of their origin. Thus, visiting researchers will receive not just encouragement, but also the *means* to participate in the practical projects requested by indigenous communities.

We estimate that, of the languages to be studied via PLA projects in the next five years, conditions will permit such advanced projects in 35-40 communities. For literacy projects, we anticipate that the PLA will support travel and per diem for linguists to bring 35-40 indigenous collaborators to Belém over the course of the five-year project. During each two-month visit, linguists and collaborators would develop and revise literacy materials for use in bilingual schools in the villages. Then the PLA would support the linguist to spend a month in the indigenous community training teachers in the use of these materials.

7.3 Training. Indigenous organizations are increasingly concerned about helping members of indigenous communities develop the necessary technical skills to do their own documentation. As a linguistics program which will already be providing such training to Brazilian nationals, it is appropriate for the PLA to offer similar training to members of communities who are collaborating with PLA linguists. Documentation skills can be passed on either individually, through the collaborative process, or formally, through the training program in linguistics described below.

Individual Training

As part of the introduction of the literacy materials (described in the previous section), we expect 35-40 highly individualized teacher training programs to be conducted in indigenous communities.

The native authorship program will require individual training for each participant, who would be selected from the community by a PLA linguist. After an orthography is in place, the linguist would offer a literate member of the community the opportunity to travel to Belém, stay for three months, learn to use the word processor, and use the PLA's desktop publishing facilities to create books in his or her native language. Ideally, the author would draw on cultural narratives (either as a storyteller, or based on recordings from a community storyteller), traditional knowledge, or personal experience for material (but of course content is ultimately to be decided by individual authors). We project five authors per year from 1996-99, for a total of 20 books.

The PLA will offer training in the use and maintenance of available audio and video documentation technology to members of indigenous communities, both through the classes given by the audio-video consultant and through the opportunity to work in the non-standardized electronic documentation projects in the field.

Further, all speakers who collaborate with PLA linguists on orthographies and literacy materials will be in a good position to learn more about their own languages from the linguist they work with, and thus be in a position to contribute more deeply to the development of an orthographic system and/or other literacy materials (e.g. the grammatical organization of a curriculum for a native language class), as well to the training of teachers in the villages. During the two month period in Belém (described in the preceding section), they could be offered individual training in

the use of computers and audio-visual equipment, either by the linguist they work with, or by the technician in residence.

The Linguistic Training Program for Speakers of Indigenous Languages

Two intensive courses of four months each will be taught in Belém, one in 1996, the second in 1998. The five native speakers of indigenous languages will be selected from the collaborators who come to Belém to develop orthographies and literacy materials. During the intensive linguistics course, each of the students will continue collaborating with the linguist studying his language, but they will also, as a group, receive training in linguistics from a second linguist, probably Dr. Francisco Queixalós, who has a great deal of experience teaching indigenous people, both informally and in formal classes.

The training will consist of an introduction to the basic concepts of linguistics, with special attention paid to phonetics and phonology (crucial for analyzing sound systems, and hence for proposing new writing systems or evaluating competing ones), morphology and syntax (important for grammar lessons in bilingual education materials), sufficient semantic theory to begin work on a dictionary and sufficient training in documentation procedures and the use of equipment to begin collecting narrative texts and other culturally relevant materials from other speakers. During the course, students will continue to work with the PLA linguist who studies their language, both on practical materials and on applying the general concepts from class to their own languages. At the conclusion of the course, a student should be able to explain orthographies, teach some phonology and grammar of his language to bilingual teachers, and help produce pedagogical materials in his community.

8. TRAINING OF BRAZILIAN LINGUISTS

The most direct and efficient way to overcome the lack of Brazilian researchers who study indigenous languages is to create an advanced training program focused on specifically this objective — a program which will give exactly the type of linguistic training, field preparation, and ethical orientation necessary for research on indigenous languages, for documentation, and for practical assistance projects. The PLA, in collaboration with a university in Belém (the Universidade Federal do Pará or the Universidade Estadual do Pará), will offer a two-year M.A. program in *Linguística Indígena* (Indigenous Linguistics), during the academic years 1995 and 1996. At the end of the program, students will be able to go to indigenous communities; live with and collect linguistic data from members of these communities; analyze these data; write a clear presentation of this analysis; and help develop practical materials as requested by the communities. We expect that some of these students will, after an interim period of intensive data collection, continue on to the Ph.D. and become permanent researchers, some at the PLA and some at other institutions in Brazil. If necessitated by continuing demand, the two-year Masters degree cycle could be repeated in 1997/1998.

8.1 Selection of Students and Teaching Staff. Quality of students will be of central importance, both for a successful M.A. program and for the long-term quality of linguistic research to be done. Students will be selected after a nationwide search. Qualified indigenous students will of course receive preference. The 15 students will be supported through fellowships from the Programa Norte de Pós-Graduação (CAPES). In addition to the 15 full-time students, five outside students per year will be allowed to attend selected portions of the course (the equivalent of single semesters) as visitors. Visitors from other linguistics programs in Brazil could receive graduate credits from the PLA, applicable towards their degree. In order to learn skills which are of interest to them, indigenous students without B.A.s could be admitted on a special non-degree basis.

To assist the resident Ph.D.s and the visiting senior Brazilian researchers in teaching, two temporary professors will be hired for two years each. These may be recruited from abroad, so as not to increase staff at the PLA by diminishing staff at other institutions in Brazil. The PLA will begin advertising for the two positions as soon as possible, through professional organizations, computer networks, and via personal contacts. Successful applicants will be brought to Belém at least two months before classes begin, so they will have time to begin intensive spoken Portuguese lessons if necessary, find housing accommodations, and prepare their initial classes.

8.2 Content and Accreditation. The two-year M.A. program will have five primary components: (1) coursework in Belém, (2) three trips to the field to collect data and test hypotheses, (3) individual supervision by PLA linguists, (4) production of two preliminary descriptive papers during the first year, and (5) production and defense of an M.A. thesis at the end of the second year. Coursework will consist of 20 hours per week in classes of field methods, phonetics, phonology, morphology, syntax, semantics, comparative linguistics, and audio-video documentation methods. In addition, each student will meet individually with an advisor at least two hours per week.

Before the first trip to the field, each student will be expected to select a different language to work with. Those students without a preference will be assigned a language from the groups which have already requested linguistic assistance from the Museu Goeldi — criteria for assignment will be (1) urgency (i.e. more endangered languages will be assigned first), and (2) scientific interest (either for comparative or typological purposes).

The schedule will alternate coursework with field work, with a total of about 14-15 months of coursework, 6-7 months of field work distributed in three trips, one month of vacation between the two years, and two months at the end of the second year to finish writing the M.A. thesis. The two preliminary descriptive papers (in phonology and morphology, respectively) are to be submitted midway and at the end of the first year. The thesis, on an approved topic in any area of grammar, is to be submitted at the end of the second year. As an alternative to the final field trip, particularly motivated students may apply to bring a qualified informant to Belém to participate in the four month general linguistics course (described above in section 7.3).

8.3 Additional Training Outside the M.A. Program. The PLA will provide fellowships for lessons in a research language (English, French, or German) for up to 15 PLA linguists and/or students per year. Beyond opening up the range of literature available for study and/or research, this makes students both more flexible in choosing and more competitive in winning support from foreign graduate schools.

Second, to furnish specialized training and to establish useful exchange relations with a variety of institutions, the PLA will offer support to students and/or staff linguists for short-term study abroad. One example of such short-term study is the Linguistic Institute of the Linguistic Society of America, a six-week summer school offered every two years. Similar opportunities could be found or arranged in various institutions and countries, e.g. for general linguistics, the Universals in Typology (UNITYP) program, led by professor Hans Jakob Seiler at the University of Cologne, Germany; for applied Amerindian linguistics, the Institute of Amerindian Studies at the University of St. Andrews in Scotland; for Amerindian ethnolinguistics, CNRS in Paris, France; for the significance of indigenous languages to cognitive linguistics, the Max Planck Institute in The Netherlands; and for Latin American collaboration, Universidad de Los Andes (CCELA), Bogotá, Colombia, Programa de Formación de Maestros Bilingues in Iquitos, Peru, and the Universidad Nacional de Mexico.

Since field linguists are responsible for all areas of grammar, it is very difficult for field linguists to specialize in all areas of theoretical linguistics. In order to guarantee the highest possible levels of theoretical relevance for our descriptions, the PLA will maintain a program to bring two distinguished theoreticians per year to consult with linguists at the Project, including those visiting from other institutions in Brazil. The specialists will stay for three to four months, enabling in-depth consultations and some teaching.

9. DISSEMINATION OF RESEARCH AND DOCUMENTATION

Research is only of interest if the results are made available to the scientific community, to the indigenous communities involved in the research, and to the public. The PLA will disseminate the results of research done on indigenous languages by its own linguists and by linguists at other Brazilian institutions. Researchers from other Brazilian institutions will be brought to Belém for three to five day visits to present lectures on their research, use the PLA facilities, and arrange future cooperation. Given the examples of professors who disseminate their work, students and trainees will also be stimulated to begin publishing and presenting early in their careers. Dissemination of scientific information usually takes two forms: presentations at professional scientific conferences, and publications in the form of either books or articles in refereed journals. The PLA proposes to support both types of dissemination.

Linguists and students at the PLA must participate in scientific conferences in order to present research results, receive fresh ideas, and establish inter-institutional contacts. The PLA will provide necessary support for linguists and students to participate in conferences in Brazil and abroad. The process of submitting an article to a refereed journal or a book manuscript to a publisher can be time-consuming and expensive, requiring several copies of several versions of a given manuscript to be mailed, perhaps to several publishers, before the article or book finally appears in print. The PLA will furnish computer facilities, photocopying, and postage for all PLA linguists who wish to submit manuscripts to outside journals and publishers (both Brazilian and International).

The PLA itself will host at least two three-week working conferences on the indigenous languages of lowland South America, one in 1997, the other in 1999, with travel and per diem provided for up to 20 participants from within Brazil and eight from outside the country. Linguists from other Latin American countries will be especially valuable participants since their

presence will help provide a wider perspective on the linguistic situation in South America. These conferences would have workshops in special topics, time and technical support (both library and computer) for writing up analyses, final presentations by each participant, and publication of selected papers in a special issue of the *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*.

As a service to all linguists who work in Brazil, the PLA will support the refereeing, editing, printing, and mailing of two special linguistics issues of the *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi* each year, beginning in 1995. There are currently few journals, and hence few publishing opportunities within Brazil; this has resulted in a backlog of excellent unpublished material, which we anticipate will be submitted immediately. This will be followed soon by the first results from research supported by the PLA. With the PLA's desktop publishing facilities to produce camera-ready copy, it will be possible to produce the *Boletim* more quickly than before (and more quickly than other journals in Brazil); the linguistic editor of the *Boletim* will actively solicit articles, and will also establish an appropriate system of referees.

Free copies of the *Boletim* will be furnished to communities who speak the languages discussed in a given issue, to indigenous organizations who express an interest in collecting linguistic documentation, and also to local and national offices of FUNAI. Copies of the *Boletim* will also be sent to other institutions which publish linguistic material, in exchange for copies of their publications.

The Museu Goeldi has an active Museology department (which mounted the highly successful *Exposição Kayapó* in recent years) which could assist in bringing to the general public an awareness of the scientific and cultural value of the indigenous languages of Amazonia. The audio-video documentation tapes will be excellent source material for such efforts.

10. PHYSICAL RESOURCES: SCIENTIFIC EQUIPMENT AND LIBRARY

Scientific equipment, field gear, and library materials are essential for good scientific work and for practical assistance to indigenous communities. The resources of the PLA will be open to use by all Brazilian linguists and will also serve visiting linguists from other countries. Modern equipment and library holdings are important for attracting and retaining the best researchers.

10.1 Microcomputer and Audio-Video Recording Equipment. This equipment will be used for linguistic analysis, documentation, and the production of written materials. Most will be purchased in 1995 and 1996, with some equipment purchased later to take advantage of improving technology. The Museu Goeldi, as a research institute, can import scientific equipment without paying import duties.

5 desktop microcomputers, 486, 250 mega HD, with internal Colorado tape drives

8 laptops for use in Belém and in the field

1 Macintosh microcomputer

3 modems for fax and remote messages

1 color scanner

3 fast dot matrix printers

3 portable inkjet printers

1 laser printer

1 color inkjet printer

2 CECIL sound spectrograph attachments

Software: sound spectrograph (Macintosh), storage and analysis of linguistic data, database, word processing, special symbol fonts, OCR, utilities, networking, other

10 portable Dolby stereo cassette recorders, with rechargeable batteries and a stereo microphone (SONY Professional or similar)

5 better quality portable Dolby stereo cassette recorders, with rechargeable battery, stereo microphone

4 DAT recorders, professional models, with digital microphone, extra batteries

20 headphones

20 lapel microphones

4 shotgun microphones

2 tape decks with capacity to copy DAT or stereo cassettes

2 pairs of speakers

1 set of phonetics tapes, Smalley tapes or others

4 Hi-8 video cameras, professional models, with external microphone, extra batteries, solar panel

1 video editing equipment, Hi-8

1 VCR which translates between formats, Panasonic AGW1

1 video monitor

12 equipment transport cases, Haliburton or similar.
 10 dehumidified storage cabinets

10.2 Field Equipment. The PLA will create an equipment “library”, where 15 sets of field equipment can be “checked out” by researchers going to the field. This will result in considerable savings, both in money and in valuable potential research time spent collecting equipment. Each set of field equipment will include a backpack, waterproof stuff sacks, a hammock with mosquito net, sleeping bag liner, water treatment chemicals, snakebite antivenin, portable lights, cooking equipment, and a rain pancho.

10.3 Library Materials. Subscriptions to the most important linguistic journals will begin as soon as possible. Books which are urgent for teaching or research will be ordered quickly and the rest phased in over five years. Since Linguistics is a relatively new area at the Museu Goeldi, the library needs to buy back-issues of many linguistics journals — these acquisitions will be spread out over a five year period. In total, the PLA will supply five-year subscriptions to 10 major journals, 35 years of back issues for these 10 major journals, and 1,000 books.

PART III: ADMINISTRATION OF THE PROJECT

11. SCIENTIFIC, ADMINISTRATIVE, AND TECHNICAL STAFF

11.1 Scientific Staff, Director of the PLA. The Director of the PLA will be a professional linguist with extensive experience in research among the native peoples of Amazonia and experience in administration and training. We expect this position will be held initially by Dr. Denny Moore, employee (Pesquisador Titular, Senior Researcher) of CNPq and coordinator of the Área de Linguística of the Museu Goeldi for the past five years. To make the position of Director competitive with foreign opportunities a salary supplement will be sought.

The Director, in addition to conducting his own research, will be responsible for the overall coordination and administration of the PLA, making decisions in consultation with the researchers and administrative/technical staff of the PLA. Other researchers will assume the coordination of specific activities of the PLA according to their interests and experience. For example, Dr. Francisco Queixalós, as former editor of *Amérindia* (a linguistics and anthropology journal published in France) will be the editor of the special linguistics issues of the *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*.

Beginning in 1997, former Museu Goeldi trainees will start returning from foreign universities with completed doctorates. They will be offered CNPq fellowships, and after a public, competitive selection process, due to their more advanced training, we anticipate that most will be permanently hired at PLA. Eventually, the PLA can reasonably expect to contain a dozen excellent Brazilian linguists with the doctoral degree. In recent years fellowship holders at the undergraduate, graduate, and Master's level have made indispensable contributions to the Área de Linguística in areas such as increasing and organizing tape and document archives, computerization of bibliography, sound spectrography, organization of scientific events, and writing reports and project proposals. These contributions will continue in the proposed PLA, but a professional staff of administrative and technical specialists will be necessary, given the size and complexity of the PLA's activities and the need for continuity.

11.2 Administrative and Technical Staff. A certain number of administrative and technical or clerical workers will be necessary — not including the administrator, technician, and fieldworkers of the standardized documentation project, nor the teaching staff of the training project. Those needed for the general functioning of the PLA are:

Administrator. Day-to-day administrative tasks will be carried out by an experienced professional administrator, making decisions in consultation with the Director and with the researchers who coordinate other PLA activities. The administrator will handle essential paperwork with government agencies, assist in relations between the PLA and the general administration of the Museu Goeldi, and directly supervise the work of other administrative and technical/clerical workers.

Accounting and Purchasing Agent. A specialist will be hired for bookkeeping, purchasing, and financial planning.

Equipment Technician. A technician with expertise in electronic equipment, including computers, will be responsible for storing and maintaining equipment as well as instructing linguists, students, and indigenous people in equipment use and care.

Secretary/Technicians. Two workers will perform clerical tasks such as typing, photocopying, and filing, and also more technical tasks such as data entry and tape duplication.

Attendant for Indigenous Visitors. One person who has considerable experience with indigenous populations will be responsible for housing, feeding, travel, entertainment, and general care of indigenous people coming to Belém for practical work. The same person can carry out necessary errands such as trips to the customs office, post office, and shops.

It may be possible to eventually recruit some of the administrative and technical staff through horizontal transfer of government employees, through special government fellowships, or eventually, through permanent hiring as government employees. However, in the beginning it is wiser to foresee the necessary salaries as a project expense — this guarantees the PLA's ability to hire the necessary workers, and allows us the flexibility to choose competent and efficient workers.

11.3 Relations with Other Institutions. The PLA's most important relations will be with indigenous groups and organizations. While the demands for linguistic services will certainly be greater than can be met, the PLA will make a considerable contribution, through funding appropriate researchers to work with indigenous groups, returning research results to the communities, sponsoring practical assistance, and training native speakers. Accords may eventually be sought with indigenous political organizations such as COIAB and the União de Nações Indígenas (UNI).

The PLA will maintain close relations with the FUNAI, which is very interested in receiving data on indigenous languages and in stimulating practical assistance and documentation efforts. The PLA will investigate the possibility of an accord for institutional authorization to work in indigenous areas (as opposed to individual authorizations for each researcher).

There are a certain number of academic centers conducting research on indigenous languages in Brazil: the Museu Nacional/Universidade Federal de Rio de Janeiro, the Universidade Federal de Brasília, the Universidade Estadual de Campinas, the Universidade Federal de Santa Catarina, the Universidade Federal de Goiás, the Universidade Federal de Pernambuco, and the Universidade Federal do Pará. The PLA will maintain active exchanges with these programs, offering the use of its facilities, bringing speakers and visiting researchers to Belém, accepting visiting students for graduate courses at the PLA, and sponsoring scientific events. Given the location of the Museu Goeldi, it is also natural that it should serve as a Brazilian link to linguistic centers in neighboring countries, such as Centro Colombiano de Estudios en Lenguas Aborígenas in Colombia and the Universidad Central de Venezuela.

12. TIMETABLE

	RESEARCH	DOCUMENTATION	PRACTICAL ASSISTANCE	TRAINING	EQUIPMENT AND LIBRARY	DISSEMINATION	ADMINISTRATION
1994	Invite visiting researchers. Continue research by resident linguists on Tupi, Carib, Katukina, Gê, Arawak, Jaboti, etc.		Discuss with native organizations and communities their needs for researchers, documentation, and practical assistance	Select students and 2 professors · Establish M.A. program with student fellowships. Informal Trainee program.	Order priority equipment and library materials.	Invite contributions to the <i>Boletim</i> .	Begin selection of administrative/technical staff. Prepare space for occupation.

1995 (First year of project)	Orientation of foreign researchers, connecting them to Brazilian students and researchers and to indigenous communities. Varied research by visiting and resident linguists.	Preparation of the elicitation protocol for standardized recording. Visit abroad for consultation and equipment purchase. Mini course by consultant in audio-video technology.	Creation of orthographies, literacy materials. Teacher training. Participation of indigenous people in audio-video mini course.	Orientation of 2 new professors. Classes begin in March. Student fieldwork in July and August. Foreign language study. Informal Trainee program.	Set up micro computer and audio-video documentation facilities.	Linguistic issues of the <i>Boletim</i> . Speakers. Conference papers.	Hiring of administrative/technical staff. Establishment of accords with FUNAI for authorizations and access for documentation recordings. Routine administration.
1996	Varied research by visiting and resident linguists.	Linguistic consultants visit. Standardized taping. Non-standardized audio-visual field projects. Archive visits.	Creation of orthographies, literacy materials. Teacher training. Native authorship. Linguistic training for indigenous people.	Fieldwork in Jan-February and July-August. Short term study abroad, including Linguistic Institute. Write up theses. Foreign language study. Informal Trainee program.	Increase equipment, library holdings. Operation of computer and audio-video facilities.	Linguistic issues of the <i>Boletim</i> . Speakers. Conference papers. Workshop.	Hiring of documentation project workers. Returning Brazilian Ph.D.. Routine administration.
1997	Varied research by visiting and resident linguists.	Linguistic consultants visit. Standardized taping. Non-standardized audio-visual field projects. Archive visits.	Creation of orthographies, literacy materials. Teacher training. Native authorship.	End of first cycle of Master's program. Short term study abroad. Foreign language study. Informal Trainee program.	Increase equipment, library holdings. Operation of computer and audio-video facilities.	Linguistic issues of the <i>Boletim</i> . Speakers. Conference papers.	Returning Brazilian Ph.D.. Routine administration.
1998	Varied research by visiting and resident linguists.	Possible projects based on standardized tapes. Non-standardized audio-visual field projects. Archive visits.	Creation of orthographies, literacy materials. Teacher training. Native authorship. Linguistic training for indigenous people. Assistance to establish indigenous centers for documentation	Short term study abroad, including Linguistic Institute. Foreign language study. Possible second cycle of Master's program. Informal Trainee program.	Increase library holdings. Operation of computer and audio-video facilities.	Linguistic issues of the <i>Boletim</i> . Speakers. Conference papers. Workshop.	Routine administration.
1999	Varied research by visiting and resident linguists.	Possible projects based on standardized tapes. Non-standardized audio-visual field projects. Archive visits.	Creation of orthographies, literacy materials. Teacher training. Native authorship.	Short term study abroad. Foreign language study. Possible second cycle of Master's program. Trainee program.	Increase library holdings. Operation of computer and audio-video facilities.	Linguistic issues of the <i>Boletim</i> . Speakers. Conference papers.	Routine administration. Returning Brazilian Ph.D.s. Funding requests to continue the CLA.

13. BUDGET

BUDGET- OVERALL:

COMPONENT	1995	1996	1997	1998	1999	TOTAL
Administration	88,000	88,000	88,000	88,000	88,000	440,000
Training	147,900	185,600	51,800	55,000	47,000	487,300
Research	47,800	54,400	69,400	73,000	73,000	317,600
Documentation	9,500	140,600	139,200	12,600	12,600	314,500
Practical Assistance	35,000	51,200	68,600	74,600	68,600	298,000
Physical Resources	138,600	46,680	35,880	31,800	28,200	281,160
Dissemination	28,600	81,600	38,200	80,200	38,200	266,800
total per year	495,400	648,080	491,080	415,200	355,600	2,405,36

DETAILED ESTIMATES:

ADMINISTRATION

- Salaries per year: Director (supplement) 20,000, Administrator 20,000, Equipment Technician 10,000, 2 Secretary/Technicians 12,000, Accounting/Purchasing Agent 10,000, Attendant 6,000. Yearly: 78,000. **Total: 390,000.**
- Administrative operating costs: xerox, telephone, fax, office equipment, administrative travel, misc. services. Yearly: 10,000. **Total: 50,000.**

TRAINING

- Salaries and travel for 2 teaching staff. Yearly: 95: 64,000, 96: 64,000. **Total: 128,000.**
- Field research by 15 Master's students: travel to field and per diems in field. Yearly: 95: 27,000, 96: 54,000. **Total: 81,000.**
- Field supervision: travel to field and 2 weeks per diem in field. Yearly: 95: 9,000, 96: 4,500, 97: 4,500, 98: 4,500, 99: 4,500. **Total: 27,000.**
- Short term study abroad: travel and 6 weeks per diem. Yearly: 95: 4,000, 96: 20,000, 97: 16,000, 98: 20,000, 99: 12,000. **Total: 72,000.**
- Fellowships for foreign language study in Belém: tuition. Yearly: 95: 7,500, 96: 7,500, 97: 2,500, 98: 2,500, 99: 2,500. **Total: 22,500.**
- Materials, books, xerox for 15 Master's students. Yearly: 6,000. **Total: 12,000.**
- Travel for recruiting, obtaining accreditation. Yearly: 95: 2,400, 96: 1,600, 97: 800. **Total: 4,800.**
- Visiting theoretical specialists: travel and per diem. Yearly: 28,000. **Total: 140,000.**

RESEARCH

1. Visiting Researchers (both types include travel to Belém and per diem in Belém)
 - Senior researchers, Yearly: 7,000. **Total: 35,000.**
 - Junior researchers: travel to field and per diem in field. Yearly: 8,700. **Total: 43,500.**
2. Researchers of the Museu Goeldi: travel to field and per diem in the field.
 - Fellowship holders. Yearly: 95: 7,200, 96: 7,200, 97: 18,000, 98: 18,000, 99: 14,400. **Total: 64,800.**
 - Graduate students returning from abroad (includes international travel). Yearly: 95: 9,900, 96: 16,500, 97: 23,100, 98: 23,100, 99: 23,100. **Total: 96,700.**
 - Trainees. Yearly: 5,400. **Total: 27,000.**
 - Employees and teaching staff. Yearly: 95: 9,600, 96: 9,600, 97: 7,200, 98: 10,800, 99: 14,400. **Total: 39,600.**

DOCUMENTATION

- Taping of 100 sets of standardized documentation tapes (1 set = 10 hours of material on one language/dialect) per year: per diem, travel, fieldworkers' salary, informant fees, DAT tapes, video cassettes, audio cassettes. Yearly: 90,000. **Total: 180,000.**
- Salaries: administrator, 16,000, technician: 10,000. Yearly: 26,000. **Total: 52,000.**
- Consult on equipment and protocol: international travel, per diem. Yearly: 95: 3,000. **Total: 3,000.**
- Equipment consultant's mini course in Belém: international travel, per diem, stipend. Yearly: 95: 3,500. **Total: 3,500.**
- Linguistic consultant visits, one from Brazil, one from abroad: travel and per diem. Yearly: 96: 3,800, 97: 3,800. **Total: 7,600.**
- Orientation of fieldworkers: travel and per diem. Yearly: 95: 1,600, 96: 2,400, 97: 2,400. **Total: 6,400.**
- Extra equipment repair, fax, telephone. Yearly: 96: 3,000, 97: 3,000. **Total: 6,000.**
- Non-Standardized documentation in the field: travel to field, per diem in field, tapes. Yearly: 9,000. **Total: 36,000.**

- Indigenous trainees in non-standardized documentation in the field: travel to field, per diem in field. Yearly: 1,200. **Total: 14,400.**
- Visits to archives: travel, per diem, and xerox. Yearly: 95: 1,400, 96: 2,800, 97: 1,400. **Total: 5,600.**

PRACTICAL ASSISTANCE

- Orthography and literacy materials for 40 languages: informant travel to Belém and per diem in Belém; cost of literacy materials; travel, per diem and materials to train teachers. Yearly: 95: 20,000, 96: 20,000, 97: 40,000, 98: 40,000, 99: 40,000. **Total: 160,000.**
- Orthography and literacy materials by visiting junior researchers (includes researcher travel to Belém). Yearly: 11,600. **Total: 58,000.**
- Linguistic training for indigenous people: 2 months per diem in Belém. Yearly: 96: 6,000, 98: 6,000. **Total: 12,000.**
- Native authorship: travel to Belém, 3 months per diem, printing costs. Yearly: 95: 3,400, 96: 13,600, 97: 17,000, 98: 17,000, 99: 12,000. **Total: 68,000.**

PHYSICAL RESOURCES

- Computer equipment: micro computers, printers, scanners, software, attachments. Yearly: 95: 28,900, 96: 12,300, 97: 8,400, 98: 5,000, 99: 3,000. **Total: 57,600.**
- Audio-video equipment: cassette recorders, DAT recorders, microphones, headphones, tape decks, video cameras, solar panels, video editing equipment, VCR, monitor, storage cabinets and cases. Yearly: 95: 44,600, 96: 6,100, 97: 1,000, 98: 1,000, 99: 1,000. **Total: 52,700.**
- Sets of field equipment: backpack, compass, antivenin, etc. Yearly: 95: 9,000. **Total: 9,000.**
- Library material: journal subscriptions, books, journal back issues. Yearly: 94: 28,000, 96: 15,500, 97: 15,500, 98: 15,500, 99: 15,500. **Total: 90,000.**

DISSEMINATION

- 2 Linguistic issues of the *Boletim* per year: printing and mailing. Yearly: 18,000. **Total: 90,000.**
- Workshops: domestic flights, international flights, and per diem. Yearly: 96: 42,000 98: 42,000. **Total: 84,000.**
- Scientific Conferences in Brazil: travel and per diem. Yearly: 95: 3,500, 96: 7,000, 97: 5,600, 98: 5,600, 99: 5,600. **Total: 27,300.**
- Scientific conferences abroad: travel and per diem. Yearly: 95: 5,000, 96: 12,500, 97: 12,500, 98: 12,500, 99: 12,500. **Total: 55,000.**
- Visiting Speakers: travel 500, per diem 200. Yearly 2,100. **Total 10,500.**

REFERENCES

- Basso, Ellen B. 1986. "Quoted dialogues in Kalapalo narrative discourse". *Native South American Discourse*, ed. by Joel Sherzer and Greg Urban. New York: Mouton de Gruyter.
- Balée, William. In press. *Footprints in the Forest*. New York: Columbia University Press.
- Balée, William and Denny Moore. 1991. "Similarity and variation in plant names in five Tupi-Guarani languages (Eastern Amazonia)". *Bulletin of the Florida Museum of Natural History and Biological Sciences* 35:209-62.
- Berlin, Brent. 1981. "The concept of rank in ethnobiological classification: some evidence from Aguaruna Folk Classification". *Language, Culture, and Cognition: Anthropological Perspectives*, ed. by Ronald Casson, 92-113. New York: MacMillan.
- Berlin, Brent. 1992. *Ethnobiological Classification*. Princeton, New Jersey: Princeton University Press.
- Berlin, Brent, Dennis E. Breedlove, and Peter H. Raven. 1966. "Folk taxonomies and biological classification". *Science* 154:273-5.
- Berlin, Brent, Dennis E. Breedlove, and Peter H. Raven. 1974. *Principles of Tzeltal Plant Classification*. New York: Academic Press.
- Bernard, Russell. 1992. "Oaxaca Project Update", *The Linguist List* (computer network), message No. 3.753. Posted 7 Oct.
- Brandon, F. R. e Seki, Lucy. 1984. "Moving interrogatives without an initial WH node in Tupi". *Syntax and Semantics 16; The Syntax of Native American Languages*, 77-103. New York: Academic Press.
- Cooper, Robert L. 1989. *Language Planning and Social Change*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Derbyshire, Desmond C. 1977. "Word order universals and the existence of OVS languages". *Linguistic Inquiry* 8.590-99.
- Derbyshire, Desmond C. 1981. "A diachronic explanation for the origin of OVS in some Carib languages." *Journal of Linguistics* 17.209-20.

- Dorian, Nancy C. (ed.). 1992. *INvestigating Obsolescence: Studies in Language Contraction and Death*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Emmerich, Charlotte. 1984. "Aspecto morfossintático na língua de contato do Alto Xingú". *Boletim da ABRALIN* 6:159-73.
- Everett, Daniel and Lucy Seki. 1985. "Reduplication and CV skeleta in Kamayurá". *Linguistic Inquiry* 16:326-30.
- Fishman, Joshua. 1992. *Reversing Language Shift: Theoretical and Empirical Foundations of Assistance to Threatened Languages*. Clevedon, U.K.: Multilingual Matters Ltd.
- Franchetto, Bruna. 1986. *Falar Kuikuro: Estudo Etnolinguístico de um Grupo Karibe do Alto Xingú*. Tese de Doutorado, Museu Nacional da UFRJ. Rio de Janeiro.
- Franchetto, Bruna. 1989. "Forma e significado na prática oral Kuikuru." *Amerindia* 14.
- Franchetto, Bruna. 1990. "Ergativity and nominativity in Kuikúro and other Carib languages". *Amazonian Linguistics: Studies in Lowland South American Languages*, ed. by D. Payne. Austin: University of Texas Press.
- Gildea, Spike. 1992a. *Comparative Cariban Morphosyntax: On the Genesis of Ergativity in Independent Clauses*. University of Oregon Ph.D. Dissertation.
- Gildea, Spike. 1992b. "On the genesis of a counter-universal pattern of split ergativity in the Cariban family". *The Proceedings of the Eastern States Conference on Linguistics*, Cornell: Cornell University Press.
- Graham, Laura. 1986. "Three modes of Shavante vocal expression: wailing, collective singing, and political oratory". *Native South American Discourse*, ed. by Sherzer and Urban. Berlin: Mouton de Gruyter.
- Graham, Laura. 1990. *The Always Living: Discourse and the Male Lifecycle of the Xavante Indians of Central Brazil*. Ph.D. dissertation, University of Texas, Austin.
- Greenberg, Joseph. 1960. "The general classification of Central and South American Indian languages." *Men and Cultures: Selected Papers of the 5th International Congress of Anthropological and Ethnological Sciences, 1956*, ed. by Anthony Wallace, 791-4. Philadelphia: Univ. of Pennsylvania Press.
- Greenberg, Joseph. 1987. *Language in the Americas*. Stanford: Stanford University Press
- Grenand, Françoise. 1989. *Dictionnaire Wayãpi-Français, Lexique Française-Wayãpi*. SELAF 274. Paris: Peeters/SELAF.
- Grenand, Pierre. 1980. *Introduction à l'Étude de l'Universe Wayãpi: Ethnoécologie des Indiens du Haut-Oyapock (Guyane Française)*. Paris: SELAF
- Hale, Kenneth (ed.). 1992. "Endangered languages: On endangered languages and the safeguarding of diversity", *Language* 68:1-42.
- Kaufman, Terrance K. 1990. "Language classification in South America: what we know and how to know more". In *Amazonian Linguistics: Studies in Lowland South American Languages*, ed. by Doris L. Payne, 13-74. Austin: University of Texas Press.
- Key, Marie Ritchie. 1979. *The Grouping of South American Indian Languages*. Tübingen: Gunter Narr.
- Krause, Michael. 1992. "The world's languages in crisis", *Language* 68:4-10.
- Leite, Yonne and Marília Facó Soares. 1991. "Vowel shift in the Tupi-Guarani language family: A typological approach". *Language Change in South American Indian Languages*, ed. by Mary Ritchie Key, 36-53. Philadelphia: University Press.
- Linden, Eugene. 1991. "Lost tribes, lost knowledge". *Time Magazine*, September 23.
- Loukotka, Cestmír. 1968. *Classification of South American Indian Languages*. Los Angeles: Latin American Center, UCLA.
- McQuown, Norman A. 1955. "The indigenous languages of Latin America". *American Anthropologist* 57.3: 501-70.
- Meggers, B. J. 1975. "Application of the biological model of diversification to cultural distributions in tropical Lowland South America". *Biotropica* 7:141-61.
- Migliazza, Ernest C. 1982. "Linguistic prehistory and the Refuge Model in Amazonia". *Biological Diversification in the Tropics*, ed by G. France, 497-519. New York: Columbia University Press.
- Migliazza, Ernest C. 1985. "Languages of the Orinoco-Amazon Region: current status". In *South American Indian Languages: Retrospect and Prospect*, ed. by Harriet E. Manelis Klein and Louisa R. Stark, 286-303. Austin: University of Texas Press.
- Moore, Denny and Luciana R. Storto. To appear (in Spanish). "Linguística indígena no Brasil", *América Indígena* (Mexico).
- Payne, Judith. 1990. "Asheninca Stress Patterns". *Amazonian Linguistics: Studies in Lowland South American Languages*, ed. by Doris L. Payne, 185-212. Austin: Univ. of Texas press.
- Pottier, Bernard. 1983. *América Latina en sus Lenguas Indígenas: Coordinación, Presentación, y Documentación*. Caracas: UNESCO / Monte Avila Editores, C.A.
- Renault-Lescure, Odile. *Evolution Lexicale du Galibi, Langue Caribe de Guyane Française*. Paris: ORSTOM.
- Rodrigues, Aryon D. 1984. "Contribuição das línguas indígenas brasileiras para a fonética e fonologia". *Language in the Americas*, ed. by D. F. Salá, 263-7. Ithaca.

- Rodrigues, Aryon D. 1984/5. "Relações internas na família linguística Tupí-Guaraní". *Revista de Antropologia* 27/28:33-53. São Paulo.
- Rodrigues, Aryon D. 1985a. "Evidence for Tupí-Carib relationships." In *South American Indian Languages: Retrospect and Prospect*, ed. by Harriet E. Manelis Klein and Louisa R. Stark, 371-404. Austin: University of Texas Press.
- Rodrigues, Aryon D. 1985b. "The present state of the study of Brazilian Indian languages". In *South American Indian Languages: Retrospect and Prospect*, ed. by Harriet E. Manelis Klein and Louisa R. Stark, 405-442. Austin: University of Texas Press.
- Rodrigues, Aryon D. 1986. *Línguas Brasileiras: para o Conhecimento das Línguas Indígenas*. São Paulo: Edições Loyola
- Seki, Lucy. 1984. "Problema no estudo de uma língua em extinção". *Boletim da ABRALIN* 6:109-15.
- Seki, Lucy. 1990. "Kamaiurá (Tupí-Guaraní) as an active-stative language". *Amazonian Linguistics: Studies in Lowland South American Languages*, ed. by Doris Payne, 367-91. Austin: University of Texas Press.
- Soares, Marília Facó. 1990. "Marcação de caso e atribuição de caso em Tikuna". *Cadernos de Estudos Linguísticos* 11. Campinas: UNICAMP / IEL.
- Tovar, Antonio and Consuelo Larrucea Tovar. 1984. *Catálogo de las lenguas de América del Sur*. Nueva edición. Madrid: Gredos.
- Urban, Greg. 1986a. "Ceremonial dialogue in South America". *American Anthropologist* 88:371-86.
- Urban, Greg. 1986b. "Semiotic functions of macro-parallelism in the Shokleng origin myth". *Native South American Discourse*, ed. by Sherzer and Urban, Berlin: Mouton de Gruyter.
- Voegelin, C.F. and F.M. Voegelin. 1977. *Classification and Index of the World's Languages*. New York: Elsevier.
- Wilford, John Noble. 1991. "In a publishing coup, books in 'unwritten languages'". *Science Times, The New York Times*, December 31, C1, C7.
- Zuñiga, Madeleine, Juan Ansion, and Luis Cueva. 1987. *Educación en Poblaciones Indígenas: Políticas y Estrategias en América Latina*. Santiago de Chile: UNESCO / OREALC.